

Edição nº 14
Ano 5
Junho/2013
nd.org.br

ENFOQUE

Notre Dame

O DESAFIO DA EDUCAÇÃO ATUAL

4 entrevistas
Reinaldo Domingos
comentários
Gabriel Perissé
painéis
Sérgio Lüdtke
artigos
encarte escolas

Celso Vasconcellos



Enfoque ND

Pensamos a comunicação como um instrumento de integração, instrução, troca mútua e desenvolvimento entre as pessoas, em qualquer atividade realizada. Com as transformações nas mídias e na tecnologia, esse milênio exige cada vez mais habilidades, competência e capacitação do ser humano, tendo em vista que a comunicação cresce, visivelmente, como uma ferramenta indispensável no processo de expansão das organizações, em todo o mundo.

Calcados nessa ideia, através de estratégias comunicativas e pedagógicas elaboradas conjuntamente por uma equipe de profissionais do CCAPE - Centro de Comunicação e Assessoria Pedagógica, a comunicação interna nas escolas Notre Dame vem atendendo as necessidades de integração e motivação de todas suas comunidades através da revista.

Nasceu como informativo, adotado no planejamento estratégico de 2009, considerado como mecanismo que envolveu a adequada seleção e relacionamento para acessar e sensibilizar as pessoas inseridas no foco escolhido. Passou por modernizações no design a cada ano, motivando os alunos e os professores a capacitarem-se a realizar boas apresentações, de forma a elaborar e organizar o discurso de maneira objetiva, usando a palavra para explicitar a identidade das escolas.

A partir de 2011 o informativo passou a ser revista, com maior número de páginas e o enfoque direcionado aos temas pertinentes ao currículo escolar, a fim de possibilitar a participação entusiástica das instituições e dos convidados especiais, com forte posicionamento, manifestações e símbolos de comunicação que sensibilizem uma identidade consistente e capaz de corresponder às expectativas dos leitores.

Em 2013 continuamos na busca de conteúdos pertinentes à Educação, com qualidade e credibilidade. A revista ENFOQUE ND, como se chama a partir dessa edição, permanece como constante fonte de informações para as comunidades Educativas e Religiosas da Rede Notre Dame.

Desejamos uma boa leitura!



Escolas Notre Dame

Colégio Maria Auxiliadora

www.auxiliadora.net

Fone: (51) 3462.8600

Canoas - RS

Escola Maria Rainha

www.mariarainhasnd.blogspot.com.br

Fone: (51) 3271.1600

Júlio de Castilhos - RS

Escola Sagrada Família

www.esafa.com.br

Fone: (51) 3547.1261

Rolante - RS

Escola Santa Catarina

www.escolasantacatarinasm.com.br

Fone: (55) 3221.1447

Santa Maria - RS

Escola N. Sra. Estrela do Mar

www.ensem1936.blogspot.com.br

Fone: (53) 3251.1431

São Lourenço do Sul - RS

Colégio Madre Júlia

www.colegiomaju-nd.com.br

Fone: (55) 3233.1180

São Sepé - RS

Colégio Santa Teresinha

www.santateresinha.com.br

Fone: (51) 3542.1328

Taquara - RS

Escola Sagrado Coração de Jesus

www.escjpedroosorio.blogspot.com

Fone: (53) 3255.1209

Pedro Osório - RS

Expediente

Ano V - Edição nº 14 - Junho 2013

Provincial: Irmã Renete Maria Cocco, **Coordenação:** Irmã Adelia Dannus, **Projeto Gráfico e Editoração:** Luciana Severo, **Produção:** Centro de Comunicação e Assessoria Pedagógica, **Digital:** Leandro Salenave, **Capa:** Colégio Santa Teresinha, **Impressão:** Algo Mais Gráfica e Editora, **Tiragem:** 5000 exemplares.

Os artigos enviados são de responsabilidade dos respectivos autores.

nd.org.br



Rede Notre Dame

@ndprovincia

DESAFIOS DA EDUCAÇÃO

por Irmã Adelia Dannus

Na vida de cada pessoa e na trajetória da história da educação desafios são presença constante, significativa e necessária ao crescimento e à expansão. Desafios estimulam, provocam e convocam para ultrapassar o limite das próprias competências e habilidades.

Não somos privilegiados por sermos detentores de desafios novos e diferenciados.

Cada nova descoberta e cada construção inovadora traz em seus alicerces a marca de grandes desafios e a alegria de tê-los ultrapassado.

Os desafios integram a mudança do tempo e tempos de mudança. Para enfrentá-los é necessário coragem, ousadia e capacidade emocional para não se deixar abater pelas reações daqueles que preferem a zona de conforto ao desconforto de sair dela. A insegurança e o medo de correr riscos atrofiam a capacidade de antever e acolher o futuro. Não raras vezes, impedem a realização de grandes obras e a aventura de buscar, viver, conviver, aprender e construir juntos.

A aprendizagem está inserida num mundo complexo e múltiplo. Nesse contexto um dos grandes desafios da educação é formar para a diversidade e facilitar a adaptação às diferentes circunstâncias, pessoas e realidades cuja origem traz o DNA da evolução e do novo perfil de um mundo globalizado. Além da preocupação com o desenvolvimento dos talentos e da criatividade, é imprescindível que a educação esteja comprometida com o resgate do ser humano na sua plenitude e totalidade.

Atender às demandas da visão do todo, exigido pela globalização, dentro da estrutura multissecurar do ensino e da aprendizagem atual, é outro grande desafio da educação. Nesse contexto é impossível continuar limitando o horizonte de um mundo de infinitas possibilidades. Já não faz sentido ficar atrelado a um conteúdo estático e unifacetado. A convivência com a riqueza da diversidade requer contextualização de conteúdos e saberes. Além disso, a sobrevivência nesse contexto inclui a alteridade e a tolerância. Valores, experiências e relações não podem estar dissociados. A interface dessa realidade requer de quem educa a formação de pessoas cuja bagagem interior as ajude a enfrentar os desafios da velocidade, das novas tecnologias, da fragmentação, do discernimento diante da multiplicidade de opções e de relações interpessoais saudáveis.

Esses desafios estendem as raízes de sua influência a distâncias e a realidades imprevisíveis. Para responder à proximidade e à instantaneidade dos acontecimentos do mundo, requerem uma educação voltada para a transdisciplinaridade, a transversalidade e a multiculturalidade.

O processo da globalização está provocando mudanças em todos os setores da sociedade e, conseqüentemente mudará a educação, o currículo e a Escola. Se isso não acontecer o trem da história passará deixando muitos sentados nos bancos de velhas estações.

Em suma, os desafios da educação atual se resumem na formação de grandes homens e grandes mulheres, enraizados em valores, abertos, flexíveis, voltados para o outro, dispostos a dialogar, desaprender, aprender e reaprender, inseridos numa realidade global, com capacidade de agir e interagir na sociedade. Esses homens e essas mulheres terão coração planetário, estarão conectados e preparados para cuidar da vida e do planeta.

Índice

04 - A reconstrução do fazer pedagógico

05 - Educação em desafio

06 - **Entrevista 1 - REINALDO DOMINGOS**

Educação financeira na escola

09 - Painel - Finanças nas aulas de Matemática

10 - O desafio não é obra do acaso

11 - Ética, desafio para uma educação transformadora

12 - **Entrevista 2 - GABRIEL PERISSÉ**

Ler, pensar e escrever na formação dos jovens

13 - Painel - Ensinar a pensar, é possível?

14 - Pequenas ações constroem iniciativas de aprendizado

16 - Erros e acertos na educação dos filhos

18 - O desafio da Educação atual

20 - **Entrevista 3 - CELSO VASCONCELLOS**

Ensino com qualidade

22 - Painel - A complexidade da Educação

24 - Música na Escola - Ensaio

25 - O mundo através dos sons

26 - **Entrevista 4 - SÉRGIO LÜDTKE**

A tecnologia no ensino

27 - Painel - Leitura e Internet

28 - A escolha da profissão

31 - Como estudar?

ENCARTE - atividades escolares

32 - Curtas - notícias da rede ND



A RECONSTRUÇÃO DO FAZER PEDAGÓGICO

por Janete Colling - Diretora / Escola Santa Catarina

A escola está
cada vez mais
repleta de desafios.

Cada educador traz consigo a sua consciência, ou seja, a sua leitura da realidade de acordo com suas vivências e experiências. Ao se deparar com situações problemas poderá assumir posicionamentos de negação como forma de defesa ou de reconhecimento, onde assumirá a sua realidade, superando as desculpas na certeza de que a realidade assim como se apresenta poderá ser modificada, e esta depende da postura que será adotada.

No contexto atual da educação não podemos mais somente deixar acontecer. Temos que ter a consciência do poder que exercemos e o que queremos fazer enquanto educadores/escola, reproduzir ou transformar? Na reprodução o educador não intervém e pode omitir-se por não se sentir envolvido com o problema, por transferência de responsabilidade, por esperar a mudança do outro e a partir do outro, por não se sentir capaz ou por já não acreditar naquilo que faz, sem motivação e convicção.

Na reprodução por convicção o educador defende o estado atual de coisas e procura a sua manutenção, mas deve provocar a reflexão de que somente a reprodução da cultura e da linguagem é possível, para a memória coletiva e preservação de valores.

A transformação requer novas posturas. Sartre nos dizia: É preciso refletir sobre o que vamos fazer com o que fizeram conosco.

Não podemos mais ficar nos justificando e deixar de mudar o que está ultrapassado. Precisamos ter uma postura de intervenção, compromisso, enfrentamento da realidade para a mudança real, com visão de processo, inovação permanente e coletiva responsabilidade para a mudança.

O momento educacional que vivemos requer nossa reconstrução como educadores, um novo sujeito, capaz de converter-se em agente consciente de criação e transformação. Nosso desafio é fazer da escola um espaço de encontro e construção dos sujeitos, educando e educadores.

Conforme Freire, não podemos abrir mão de nossas tarefas históricas, de dar conta da parte que nos cabe neste latifúndio, com muita humildade, mas também muita ousadia.

Mesmo nas intempéries é preciso ser agente de mudança, é preciso sobrepor-se às mudanças não nas condições ideais, mas nas condições concretas que nos deparamos.

Professor como sujeito de transformação é aquele que acredita na possibilidade de mudança, sua e do mundo, no sentido mais amplo: novos sentidos, novas perspectivas para a existência e novas formas de organizar as relações entre os homens, e se compromete com a alteração das condições do seu trabalho.

Para que as mudanças necessárias aconteçam é preciso que o professor se reinvente, através de uma constante ação reflexiva, autocrítica e (re)construção de seu fazer pedagógico através da formação continuada. E é essa capacidade de transcender, de buscar algo de maior para além dos interesses, que dá sentido ao viver.

“Pessoas aprendem através da experiência e reflexão, portanto, uma boa prática implica em estimular situações de aprendizagem onde a informação é processada de forma útil pelos alunos”.

Prof. Bernardete F. da Rosa - Sagrado Coração de Jesus

EDUCAÇÃO EM DESAFIO

por Lizair Pereira Gentilini Moreira / Professora / Escola Sagrado Coração de Jesus

Um dos maiores desafios da educação atualmente é o de promover a transformação do aluno, no sentido de fazer com que ele se comprometa verdadeiramente com o seu processo de ensino e aprendizagem. No entanto, para isso é necessário que tenhamos muita coragem e perseverança, pois muitos são os fatores que dificultam este processo.

É muito importante tornarmos o conhecimento atraente e rico de significações, onde os alunos possam fazer relação entre esse conhecimento e o seu dia-a-dia, transformando-o. Mas para isso, muitas mudanças são necessárias, como por exemplo, instigar as famílias a buscarem interagir com o processo de ensino e aprendizagem dos seus filhos.

Segundo Moysés, a escola não é a única detentora do saber, as pessoas aprendem independentemente dela. À escola cabe a missão de lapidar as informações, fazendo com que os alunos reflitam sobre este conhecimento com ética e responsabilidade.

Existe outro desafio na educação que inquieta muitos profissionais: fazer com que a família compreenda e assuma o seu verdadeiro papel e não delegue apenas para a escola a responsabilidade e o compromisso com a aprendizagem das crianças. O acompanhamento familiar é fundamental para que haja uma continuidade do trabalho realizado na escola. Porém, infelizmente não é o que vivenciamos diariamente.

Precisamos, enquanto educadores, nos preocupar em formar cidadãos e não apenas instruir. A tarefa de ensinar faz com que o papel do professor sofra mudanças, uma vez que conduzir estes processos de aprendizagem exige deste profissional uma formação continuada constante e atualizada. Os profissionais da educação precisam estar dispostos a buscarem aperfeiçoamento na sua formação. Os desafios que encontramos em sala de aula devem ser instigadores para estarmos sempre buscando novos conhecimentos.

A tecnologia, sem dúvida, é mais um desafio educacional, visto que alguns profissionais mais conservadores são resistentes a qualquer tipo de mudança, talvez por acharem que serão substituídos pela informatização. Os professores necessitam mudar sua prática, a fim de acompanhar o rápido desenvolvimento virtual dos alunos, para que a tecnologia não atrapalhe, mas seja uma aliada ao trabalho diário do professor.

De acordo com Perrenoud as reformas atuais confrontam os professores com dois desafios de envergadura: reinventar sua escola enquanto local de trabalho e reinventar a si próprios enquanto pessoas e membros de uma profissão. A maioria deles será obrigada a viver agora em condições de trabalho e em contextos profissionais totalmente novos, bem como assumir desafios intelectuais e emocionais muito diversos daqueles que caracterizavam o contexto escolar no qual aprenderam seu ofício.

Na verdade, o que vai mudar com este novo mundo virtual é a função de que o educador terá de incluir de um jeito ou de outro a tecnologia no seu planejamento, e passará a ser um mediador nas atividades desenvolvidas, questionando e orientando seus alunos a usarem de maneira correta esta nova ferramenta tecnológica. O professor deve conscientizar-se de que necessita atualizar-se ou vai perder espaço, não para as máquinas, mas para aqueles que já dominam as novas tecnologias.

“É preciso educar em um ambiente saudável, com valores definidos, e com colegas que dão suporte para melhorar nossa prática docente constantemente”.

Prof. Janet Copello Valentini - Santa Teresinha

Educar numa sociedade em mudanças rápidas e profundas nos exige a reaprender a ensinar e a aprender, a reconstruir modelos os quais conhecíamos até agora. Ensinar e aprender, hoje, não se reduz a estar um determinado tempo numa sala de aula. Envolve muito mais do que isso. Torna-se necessário modificar “o que” e “como” fazemos nosso trabalho dentro do espaço da sala de aula. Há uma necessidade urgente de mudanças na mentalidade dos profissionais da educação, muita dedicação, muita esperança para que as coisas realmente aconteçam e melhorem. A tarefa é árdua e diária, sabemos disso. Compete a nós educadores mediarmos essas mudanças e não nos assustarmos com elas, são elas que nos fazem crescer a cada dia. Pois é na escola que tudo acontece e onde todas as diversidades prevalecem.

A escola desde sempre cumpre um papel determinante, mas está cada vez mais repleta de desafios, e ainda assim, enquanto instituição, deve continuar sendo um lugar destinado à aprendizagem, buscando a melhor diversidade de recursos, onde os alunos sejam a prioridade, podendo interagir de maneira rápida, desenvolvendo sua capacidade de pensar, de se expressar e tomar decisões com responsabilidade.

O eterno desafio da educação é a busca do ensino e da aprendizagem com qualidade, integrando todas as dimensões do ser humano. Os tempos mudaram e a realidade escolar também. Precisamos nos adequar às alternativas que podem contribuir para resolvermos as dificuldades surgidas, sem fazer disso um fardo.



REINALDO DOMINGOS

responde sobre
**Educação Financeira
na Escola**



Educar para o bom uso do dinheiro não é condenar o consumo e nem doutrinar para a poupança. É estimular a organização pessoal para que os desejos de consumo não extrapolem os limites. É criar disciplina para ter qualidade de consumo por toda a vida e não apenas como recompensa de sacrifícios. Os métodos de controle devem ser simples, para que possam ser usados diariamente, sem consumir todo o tempo. As boas práticas de educação financeira levam a escolhas equilibradas. Isso se faz combinando referências matemáticas com práticas sociais.

ENFOQUE - A educação financeira na escola pode ser o caminho e ao mesmo tempo o desafio para diminuir o índice de endividamento e frustrações das novas gerações?

REINALDO DOMINGOS - Quando falamos de Educação Financeira, alguns estudiosos têm a opinião de que estes ensinamentos e valores deveriam ser transmitidos pelos pais, e não pela escola. Mas na verdade como os pais poderiam ensinar algo que também não aprenderam?

Mas o que vem a ser Educação Financeira? Para uma grande maioria, inclusive de especialistas, a educação financeira está embasada nas ciências exatas (matemática, cálculos e planilhas). Estas são sim importantes ferramentas que auxiliam a educação financeira, porém é preciso ficar claro que educação financeira está embasada no comportamento, hábitos e costumes. Nós adultos dominamos cálculos e nem por isso estamos educados financeiramente, portanto chegou a hora de abrir nossas cabeças e fazer a lição de casa.

É na escola que tudo começa. Ensinar hábitos e comportamento corretos são premissas básicas para uma criança respeitar o dinheiro que passará por suas mãos por toda uma vida. Mas quem pode ensinar a educação financeira para essas crianças? Sem dúvida nossos professores. São eles os grandes agentes transformadores que já estão levando esses ensinamentos para as salas de aulas de centenas de escolas privadas e públicas.

Por incrível que pareça, as crianças que já estão em fase de aprendizado na disciplina educação financeira estão levando para dentro de suas casas uma nova forma de ver o dinheiro. Nos programas de educação financeira, embasados na Metodologia DSOP, os professores são os primeiros a aprenderem. Também os pais por meio de palestras se conscientizam da importância dessa disciplina e, com isso, a cultura de educação financeira começa a ser disseminada, combatendo a causa do problema de milhões de famílias brasileiras.

Com a adoção da disciplina de educação financeira nas escolas do ensino básico de forma estruturada tenho a certeza que estamos no caminho certo para construir uma nova geração de pessoas e famílias educadas e sustentáveis financeiramente, combatendo assim a causa do verdadeiro problema financeiro de nossa população.

E - Diante da potencialidade das mídias, o comércio chega cada vez mais cedo às crianças. É muita oferta, e proporcionalmente, muito desejo. Como a escola pode iniciar uma educação financeira para os jovens, uma vez que isso faz parte da Educação para o futuro? Qual seria a idade apropriada para inicialização desse processo?

RD - Observando as propagandas e os apelos de consumo nos meios de comunicação, podemos notar que grande parte do que é exposto, está voltado para o mercado infanto-juvenil. Sabe-se hoje que 80% da influência de compra, dentro de uma família, vem das crianças. Além do apelo do marketing publicitário, a facilidade de acesso ao crédito tem alimentado a ansiedade e o consumo entre adultos, jovens e crianças. Não podemos combater o sistema, porém, é preciso ensinar nossa população como melhor utilizar estes meios. Somente com a educação financeira é que poderemos ver esse problema resolvido em sua causa. A escola pode oferecer conteúdos relacionados à Educação Financeira, desde cedo, para crianças a partir dos três anos de idade, quando elas começam a ter consciência de si e também das suas escolhas. Durante as aulas, com o material didático e paradidático da Metodologia DSOP de Educação Financeira, as crianças e jovens aprendem a refletir sobre seu consumo, identificar o que é realmente necessário para reduzir gastos com supérfluos, definem seus sonhos individuais e coletivos, bem como prazos e estratégias para a sua realização, e compreendem que o equilíbrio, a paciência e a persistência são necessários para garantir qualidade de vida e sustentabilidade financeira. É importante salientar que a Educação Financeira embasada na Metodologia DSOP, tem ampliação do enfoque, não sendo apenas matemático (como geralmente ocorre), passando para uma abordagem comportamental, que trabalha, simultaneamente, capacidades cognitivas, afetivas e sociais.

**Poupar primeiro,
gastar depois!**

E - A “mesada” deve ser bem administrada pelos pais e pelos filhos. Cada um fazendo a sua parte. Que valores são adequados para disponibilizar para uma criança nesse aprendizado? E como ela deve cuidar do seu dinheiro? A mesada eletrônica (cartões de débito, por exemplo) seria uma boa alternativa?

RD - A mesada é uma ferramenta importante para a educação financeira e pode ser oferecida quando a criança já está alfabetizada, por volta dos 7 anos. Nesta fase, ela já reconhece os números e começa a relacioná-los com quantidade, facilitando a compreensão da administração do valor recebido, com seus gastos do dia-a-dia como: o lanche, guloseimas, reposição de material escolar e realização de pequenos desejos.

O valor destinado à mesada varia de acordo com o padrão da família e nunca deve estar atrelado ao desempenho escolar. Se a criança tem dificuldade em administrar o valor ao longo do mês, pode ser oferecida a ela uma parcela semanal, o que chamamos de semanada.

Administrando o próprio dinheiro, a criança aprende que é preciso esperar e ter paciência para realizar seus desejos, já que este recurso é finito. É importante que os pais ajudem a criança e o jovem a definir seus sonhos e os orientem a poupar parte da sua mesada para esta realização. Nunca dar apenas dinheiro para que eles gastem. É imprescindível que eles entendam e comecem a guardar dinheiro para seus sonhos. Dessa forma, eles irão se habituar a poupar primeiro e gastar depois, mudando o comportamento que muitos de nós adultos apresentamos hoje: destinamos toda a nossa renda para pagar nossos compromissos e despesas e esquecemos de nossos sonhos.

Aliás lhe faço uma pergunta: O que tem feito com o dinheiro que você ganha mensalmente? Se você parasse de trabalhar ou não ganhar mais seu salário, por quanto tempo conseguiria manter seu atual padrão de vida? Se sua resposta for muito pouco tempo ou quase nenhum é preciso parar, refletir e tomar uma nova atitude para reverter essa situação. Sugiro adotar os quatro passos da Metodologia DSOP de educação financeira (Diagnosticar, Sonhar, Orçar e Poupar). Eles certamente mostrarão o caminho para sua independência e sustentabilidade financeira.

Os pais precisam ter consciência de que, ao oferecer mesada ou semanada, no caso da criança ou jovem gastar todo o dinheiro antes do combinado para o próximo pagamento, não se deve oferecer outro valor ou mesmo “adiantamento”, pois eles podem se habituar a gastar mais do que possuem e levar esse comportamento à vida adulta, quando tiverem acesso a crédito.

Mas qual é o valor da mesada? É simples, reúnam-se e conversem sobre este tema e combinem que por 30 dias estarão fazendo um diagnostico financeiro, registrando todo dinheiro que o filho ou filha pedir, mas é preciso somente anotar, nada de falar ou dizer não, fique tranquilo e não deixe que ele perceba que estão anotando estes valores. Após 30 dias os pais deverão se sentar novamente e somar o que foi dado para a criança. Exemplo: R\$ 150,00. Conhecido o valor, chegou a hora de conversar com a criança. Lembre-se, se tiver outros filhos, fale com eles individualmente, diga que como eles estão crescendo e também tendo gastos disso ou daquilo, papai e mamãe resolveram dar a eles uma mesada no valor de R\$ 75,00. Isso mesmo, apenas 50% do valor para que a criança possa gastar com suas guloseimas. Os outros 50% deverão ser para os sonhos dela, provoque nela o desejo de sonhar e pergunte quais são os três sonhos que ela gostaria de realizar. Diga que um sonho será para curto prazo, até 3 meses, médio prazo até 6 meses e de longo prazo até um ano. Acredite, esta criança estará criando uma cultura em relação ao dinheiro, que parte do dinheiro que passar por suas mãos, começando pela mesada deverá ser guardado para seus sonhos de desejos hoje e sempre.

E - Quando se trata do assunto “mesada” na escola, como o professor pode exemplificar situações financeiras, partindo do pressuposto de que apenas alguns têm esse privilégio?

RD - O professor pode abordar este assunto com a turma, independente de todos receberem mesada ou não. Mesmo que não seja um valor fixo, as crianças recebem esporadicamente uma quantia em dinheiro de familiares para a compra do lanche ou guloseimas e em datas como aniversário, dia das crianças e Natal.

A criança precisa compreender que o importante não é o quanto se ganha, mas quanto se gasta, onde se gasta e quanto se guarda. Além disso, o professor pode realizar as atividades com valores hipotéticos, e ensinar à criança, da mesma forma, a realizar um diagnóstico financeiro, adequar ao seu padrão de vida, ao seu orçamento, poupando uma parte desse recurso para a realização de sonhos.

Ao ensinar que quando guardamos dinheiro podemos realizar sonhos e desejos, a criança entende logo cedo que o dinheiro é uma moeda de troca e através dela pode realizar suas vontades, por isso o professor deverá ensinar a importância do mesmo e seu poder de realização.

Com mesada ou sem mesada, os ensinamentos e o respeito quanto ao dinheiro deverão ser objeto de discussão por parte dos professores. Lembro que independente de ter ou não mesada uma criança precisa entender a relação do dinheiro em suas vidas. Sugerimos ao professor, que independente da quantidade de dinheiro que a criança receber, será preciso mostrar que ao guardar parte dele ela poderá realizar desejos verdadeiros e com isso eliminar os excessos e desperdícios. Lembre-se dinheiro não aceita desaforo!

E - Como fazer com que a criança compreenda que não se pode ter tudo que deseja e que aceite bem os limites?

RD - Se pararmos para refletir por um momento, observamos que as pessoas antigamente não se endividavam com tanta facilidade e tinham o hábito de poupar para adquirir produtos, fazer compras e pagamentos à vista. Com as facilidades do mundo atual, não só as crianças, mas também os pais ficam muito ansiosos para realizar os desejos (seus e dos pequenos), já que normalmente têm condições de comprar, mesmo que seja a prazo por meio de prestações.

Por necessidade de compor e melhorar o orçamento da família, tanto o pai quanto a mãe, são obrigados a trabalhar e com isso fica para a escola a grande responsabilidade da educação dos filhos. Com isso, para que os pais possam compensar esta ausência acabam cedendo aos apelos da criança. Isto tem sido um grande problema, é preciso diálogo, muita conversa com os filhos e mostrar a eles que esta ausência se dá pela necessidade de proporcionar uma melhor qualidade de vida a todos, em especial, ele, o filho. Acredite, estes ensinamentos, as escolas já perceberam e estão inserindo em suas grades curriculares, seja como disciplina semanal ou como transversal, a educação financeira é uma realidade. Filhos conscientes financeiramente ajudam os pais a construir uma vida mais estruturada proporcionando com isso uma melhor qualidade de vida para todos.

Procurando ensinar uma forma diferente de lidar com o dinheiro e com o consumo, o ideal é que a família ajude a criança ou o jovem a definir seus sonhos a curto, médio e longo prazo e que os orientem a fazer escolhas que favoreçam a realização desses desejos. Somente por meio da educação financeira embasada no comportamento é que poderemos combater esse mal que assombra nosso país e também o mundo. Educação financeira nas escolas, uma realidade necessária e providencial. Recomendo a leitura para melhor entendimento e conscientização dos livros de ficção e paradidáticos para as crianças a série O Menino e o Dinheiro, O Menino do Dinheiro, para jovens o livro Ter Dinheiro não tem Segredo, para os pais e professores os livros Terapia Financeira, Ter Dinheiro não tem Segredo e Livre-se das Dívidas, todos publicados pela Editora DSOP de Educação Financeira.

Sobre Reinaldo Domingos

Escritor, educador e terapeuta financeiro. Presidente da DSOP Educação Financeira e da Editora DSOP, publicou os livros Terapia Financeira e Livre-se das Dívidas, a série O Menino do Dinheiro – Sonhos de Família, Vai à Escola e Ação Entre Amigos, O Menino e o Dinheiro, O Menino, o Dinheiro e os Três Cofrinhos, O Menino, o Dinheiro e a Formigarra, Ter Dinheiro Não Tem Segredo e Eu mereço ter dinheiro! Em 2009, idealizou a primeira Coleção Didática de Educação Financeira para o Ensino Básico do país. Para o Portal DSOP, desenvolveu 12 atividades por livro, como material de apoio ao professor, e 60 atividades interativas online (games), para fixação do conteúdo pelos alunos. Desenvolveu um programa para o jovem aprendiz com a publicação do livro Educação Financeira para Jovens Aprendizes. Criou o livro para o ensino de Adultos (EJA). Adaptou para o Ensino a Distância (EAD) o Curso DSOP de Educação Financeira, baseado em seu livro Terapia Financeira. Indo ao encontro de sua missão, lançou duas coleções: O Menino do Dinheiro e O Menino e o Dinheiro compostas por seis livros, em cinco idiomas. Presidente do Grupo Confirp de Contabilidade. Idealizador, fundador e presidente da Associação de Educadores Financeiros (Abefin), que tem por finalidade social apoiar o fortalecimento, o aprimoramento, o desenvolvimento, a qualificação e a capacitação do educador financeiro no Brasil. Aos 12 anos realizou o primeiro dos seus muitos sonhos: comprar uma bicicleta. Priorizando seus sonhos e sabendo quanto custavam e quanto deveria poupar para alcançá-los, que aprendeu a ter o dinheiro como um aliado, usando-o com responsabilidade e foco na satisfação pessoal e familiar.



PAINEL

FINANÇAS NAS AULAS DE MATEMÁTICA

por Zenar Pedro Schein / Professor / Colégio Santa Teresinha

As aulas de Matemática podem ser planejadas por meio de atividades que favoreçam a aprendizagem significativa e significativa do aluno. Para isso o professor pode adotar estratégias que levem o aprendiz a situações comuns do cotidiano as quais podem ser relacionadas com os conceitos científicos.

Uma das possibilidades é trabalhar a Matemática Financeira articulada com a Educação Financeira. Enquanto que a primeira aborda, fórmulas de porcentagem e juros, a segunda promove uma discussão a nível da metacognição sobre a tomada de consciência do modo de agir e pensar sobre o dinheiro ou qualquer situação parecida.

O professor pode utilizar endereços eletrônicos que o auxiliem na operação de cálculo e interpretação de impostos com suas siglas, aplicações financeiras, compras a prazo e à vista e endividamentos.

Se desde os primeiros anos escolares o aluno é incitado a conhecer o que há de envolvimento quando ele utiliza o seu dinheiro, existe a possibilidade de aprender a não passar por apuros financeiros no futuro. Por exemplo, ao analisar as siglas dos impostos tornar-se-á conhecedor de certos tributos que paga ao realizar uma compra ou até mesmo o imposto que algum órgão público cobra do seu bem material.

Nessa situação, podemos destacar o IPVA (Imposto sobre Propriedade de Veículos Automotores) que cobra, a cada ano, 3% do valor do bem móvel que tenha 20 anos de uso ou menos. Também há o IPTU (Imposto Predial e Territorial Urbano) que a cada ano é necessário pagar. A porcentagem varia em cada cidade, mas ela é calculada sobre a área do terreno com e sem construção.

Estas situações são de fundamental importância, mas inúmeras pessoas não conseguem interpretar, analisar e administrar suas finanças e, na sala de aula, há oportunidade de realizar discussões sobre esses assuntos.

É importante aprofundar os conceitos de Matemática Financeira articulando com as discussões advindas do cotidiano das pessoas.

Alguns endereços eletrônicos que podem ser úteis ao professor quando for trabalhar a Educação Financeira na escola:

Banco Central - www.bc.gov.br

Comissão de Valores Mobiliários - www.cvm.gov.br

Bolsa de Valores de São Paulo - www.bmfbovespa.com.br

Tesouro Nacional - www.tesouro.fazenda.gov.br

Os endereços de bancos também possuem materiais, cartilhas que abordam temas ligados à educação financeira e finanças pessoais.



O DESAFIO NÃO É OBRA DO ACASO

por Adriane de Moura Cony / Professora / Escola Estrela do Mar

Quando se pensa em desafio, vem a nossa mente a vontade de superar limites, romper barreiras, ultrapassar obstáculos.

Os desafios dão força e coragem ao homem para continuar vivendo e se reinventando a cada dia. São eles que dão asas à imaginação, propósitos aos sonhos, veracidade ao científico. Se não existissem, o ser humano não chegaria a lugar nenhum. Entretanto, quando se fala em desafio na educação, ficamos perplexos e até mesmo com receio do futuro.

Analisando nossos bancos escolares encontramos novos paradigmas, distintos conceitos que com o passar do tempo criaram novos significados. Havia um tempo que rebeldia significava contestação e os jovens se rebelavam contra as injustiças, contra um sistema de governo, contra a repressão. Hoje, a rebeldia é contra quem os impede de consumir, de serem paranóicos com a estética e de quererem o prazer fácil e imediato. Eles absorvem o que os meios de comunicação lhes entregam e acabam tornando-se superficiais sem vislumbrar futuro algum. Pensam somente no presente e no prazer momentâneo, e acabam sem grandes causas para lutar. A falta de perspectiva os priva do encanto pela vida e alguns acabam buscando as drogas, suicidando-se ao volante de um carro ou desenvolvendo transtornos psíquicos.

Em meio a este cenário, os educadores sentem medo desse desafio e muitas vezes os abandonam. No momento que estagnam os objetivos dentro da profissão escolhida, acabam por deixar a essência morrer e os desafios passarem pelos olhos sem serem superados. Abandonam os ideais e a eles mesmos. Superar desafios não é obra do acaso, mas uma conquista diária, por isso, para que possamos superá-los, precisamos renovar. Num mundo onde quase tudo é vendido, quase tudo tem seu preço, precisamos mostrar aos nossos educandos que há coisas que são impagáveis, como os verdadeiros valores. Levá-los a ver que podemos ser intelectualmente livres e emocionalmente saudáveis, valorizando o que realmente importa.

Muitos perguntam como fazer isso, num cenário onde os estudantes não nos olham e não querem nos ouvir. O desafio da educação está em nós mesmos, educadores:

- Quando somos exemplo;
- Quando acreditamos no que falamos e fazemos;
- Quando impomos limites;
- Quando respeitamos as diferenças;
- Quando conhecemos todos os lados do que ensinamos;
- Quando falamos com a boca, os olhos e o coração;
- Quando ampliamos os horizontes de quem nos ouve;
- Quando acreditamos na capacidade que o outro tem de sonhar;
- Quando acreditamos nos sonhos dos outros;
- Quando somos o que realmente mostramos ser, sem máscaras;
- Quando não desistimos de ninguém, mesmo que às vezes esta pessoa pense que dela desistimos;
- Quando exigimos mais que o necessário mostrando que pode ir além do esperado;
- Quando nos valorizamos como realmente parte importante desse processo de mudança social;
- Quando nos sentimos como semeadores de sonhos, metas e ideias;
- Quando não pensamos mais na educação como utopia;

Quando valorizamos o ser professor e toda magnitude que é sê-lo, então haverá a superação de todos os desafios que a educação atual possa acarretar.

“As influências têm início desde o momento do nascimento, pois o indivíduo necessita da mediação de outras pessoas para se desenvolver. O meio sozinho não consegue ampliá-lo e é nessa etapa que entra o papel do educador e dos colegas através das relações”.

Prof. Aline Brutti Aita, Escola Santa Catarina



ÉTICA, DESAFIO PARA UMA EDUCAÇÃO TRANSFORMADORA

por Antônio Luiz de Moraes / Coordenador Disciplinar / Maria Auxiliadora

No mundo contemporâneo há uma promessa indefinida de comunicação instantânea como prova cabal do avanço da inteligência. Torna-se imperativa a construção de autoestradas globais de informação, cada vez mais largas, extensas e velozes. Desse modo, bem protegidos entre os muros de nossa existência particular, deixamos vir a nós o mundo sem perigo, certos de não sermos em nada modificados, nem mesmo convocados a tal, por aquilo que vemos e ouvimos. Evita-se a rua. A realidade presente, que nos interpela a cada instante, permeada de resistências e liberdades renitentes, nos escapa cada vez mais. Assim, sugiro que aquele sentimento de que o tempo passa cada vez mais rápido deve ser pensado, antes, como um deslocamento da preocupação com a realidade presente para a contemplação superficial e despreocupada de imagens e informações remotas que se perfilam nas múltiplas interfaces digitais. Assistimos, então, um tanto sonolentos, à banalização das relações e da vida.

Em se tratando de educação, creio que é possível sugerir, com base nos estudos no domínio da ética do filósofo Michel Foucault (1926-1984), que a ética do governo de si (governo, no sentido de conduzir condutas num campo aberto de possibilidades) pode nos ajudar a (re)pensar a disciplina escolar em nosso tempo. O governo de si coloca a relação consigo em primeiro lugar sem desconsiderar as complexas relações com os outros. O governo de si, o exercício do poder sobre si mesmo, redundando na produção de um êthos, uma maneira de ser, certa maneira de se conduzir visível para os outros. O governo adequado de si mesmo permite ocupar o lugar conveniente nas relações com os outros. O governo de si, por isso, regula o governo dos outros. Governa os outros como convém, aquele que adquiriu a capacidade de governar a si mesmo como convém. Nesse sentido, o professor não precisa hesitar em exercer a autoridade e em querer conduzir as condutas dos alunos, desde que aquilo que diz e faz seja o efeito de transformações no seu próprio êthos (seus hábitos; seu porte; sua maneira de caminhar; sua calma com que responde a todos os acontecimentos, etc). A ética do governo de si, desse modo, nos transforma.

A realidade presente é o que existe só uma vez e dura um só instante. Passado esse instante, o presente torna-se impossível. O presente carrega consigo a impossibilidade do seu renascimento. Sobre o passado, lugar dos fatos, não temos poder algum. Por mais que se queira, não é possível mudar fatos do passado, pois que não existem mais. Os fatos, porém, servem à previsão de futuros possíveis. A disciplina escolar, geralmente, é pensada como um conjunto de regras que tem por objetivo predeterminar as condutas. Nesse entendimento, a regra funciona como instrumento de produção de fatos. No entanto, na perspectiva da ética do governo de si, a regra, ao invés de ser tomada como instrumento de produção de fatos, para a imputação de erros, distribuição de responsabilidades e acusação perpétua, pode ser pensada como possibilidade para um trabalho sobre si mesmo, de transformação do sujeito. A ação educativa, dessa maneira, declina do afã de estabelecer a correção dos fatos e expiação dos culpados e engaja-se no diagnóstico da realidade presente. Deixa-se de enaltecer fatos passados sobre os quais não temos poder algum e passa-se a mirar, com maior ênfase, a realidade presente, abrindo-se, assim, ricas possibilidades para experiências que nos transformam e nos impedem de ser o mesmo e nos conectam com futuros possíveis. Em suma: se atualmente diminuem as possibilidades de transformação dos sujeitos, a ética do governo de si pode se constituir numa prática importante para se pensar uma disciplina escolar reguladora das condutas, mas, sobretudo, cooperante em uma educação transformadora.

“A disciplina organiza as ações, o pensar e o agir de crianças e jovens como alicerce da vida em comunidade”.

Irmã Aurora Dolores Kassick, Sagrada Família



GABRIEL PERISSÉ

responde sobre
**Ler, Pensar
e Escrever
na formação
dos jovens**



Ler, pensar e escrever são três ações importantes que se completam. Quem lê pensa melhor e escreve com mais espontaneidade. Quem pensa escreve melhor e lê com mais profundidade. Quem escreve lê melhor e pensa com mais intensidade. Quem vê a leitura como um meio de conhecimento real do mundo e de si mesmo, sabe, experimenta na carne que a leitura bem feita deflagra um complexo exercício interior de difícil descrição. Ao ler, coloca-se em ação os sentimentos, a vontade, a memória, a imaginação, a inteligência. Pensar não é criar a realidade, é lê-la por dentro, leva à expressão, na medida em que o esforço de ver a realidade nos obriga a defini-la para nós mesmos usando as nossas próprias palavras, construindo definições, frases, raciocínios. E escrever é reunir a vida nas palavras.

ENFOQUE - Ler, pensar e escrever é fundamental para a formação intelectual dos jovens. Na era da internet com tantos símbolos e códigos, novas tecnologias e excesso de informações, como atrair o jovem para um bom livro? Como ensiná-lo a adquirir cultura?

GABRIEL PERISSÉ - Os livros, bons e maus, estão presentes de várias formas na era da internet. É possível conhecê-los por meio de um blog, adquiri-los numa loja virtual, lê-los integral ou parcialmente nas telas e telinhas. A cultura cibernética em que já estamos mergulhados não se opõe necessariamente à ideia de um cabedal de conhecimentos "clássicos". Cabe aos educadores, de modo especial, mostrar como podemos utilizar com discernimento os recursos e meios de que dispomos hoje para ampliar nossa visão de mundo.

E - Quando assimilamos uma boa leitura, ela pode gerar algum tipo de influência na forma de pensar e/ou agir?

GP - A palavra "assimilar" remete à ideia de parecença. Quando assimilamos algo, esse algo passa a fazer parte de nós, e nós nos tornamos semelhantes (similares) ao que digerimos. Daí a importância de adquirir discernimento para que as nossas leituras (e o modo de fazê-las) sejam a favor de nossa humanização.

E - É possível que os jovens tenham preguiça de pensar, e por consequência, de ler e escrever?

GP - A preguiça é sempre seletiva. Certos preguiçosos precisam se esforçar muito para obterem o seu desejo de não fazer nada... Se transformarmos a preguiça em ócio, descobriremos que pensar, ler e escrever melhor nos ajudam a ter mais tempo disponível para usufruir com mais inteligência do nosso breve tempo de vida.

E - Como aprender a escrever bem? Existe alguma técnica que pode ser trabalhada na escola?

GP - Para escrever bem é preciso ter intimidade com a linguagem. Essa intimidade se conquista com a leitura da palavra escrita e com a leitura da palavra que circula nas conversas, na mídia, na vida. A melhor técnica é descobrir uma técnica pessoal. A escola, portanto, deve procurar identificar e promover o estilo de cada um.

E - Qual a idade ideal para iniciar um processo de saber ler, parar para pensar, e escrever bem?

GP - O ideal, neste caso, é não querer idealidades. Contar histórias para as crianças desde cedo é uma forma de familiarizar as crianças com a palavra, com o uso criativo da imaginação, com a capacidade humana de raciocinar e fabular. Não é por acaso que empregamos a expressão "língua materna". Talvez seja o caso de começarmos a educar o bebê para o mundo da palavra desde o momento em que ele nasce e encontra sua primeira interlocutora, a mãe. Ou mesmo antes, por que não?

Sobre Gabriel Perissé

Pós-doutor em Filosofia e História da Educação pela Faculdade de Educação da Universidade Estadual de Campinas (Unicamp), estudando "A linguagem educacional brasileira. Quatro estilos contrastantes: Cristovam Buarque, Pedro Demo, Regis de Moraes e Rubem Alves", em 2011.

Doutor em Filosofia da Educação pela Faculdade de Educação da Universidade de São Paulo (USP), com a tese "Filosofia, ética e literatura: a proposta pedagógica de Alfonso López Quintás", em 2003. Mestre em Literatura Brasileira pela Faculdade de Filosofia, Letras e Ciências Humanas da Universidade de São Paulo (USP), com a dissertação "Carlos Nejar: uma admiração problemática", em 1989. Bacharel em Letras (Português e Literaturas Brasileira e Portuguesa) pela Faculdade de Letras da Universidade Federal do Rio de Janeiro (UFRJ), em 1985. Ministra palestras e minicursos em escolas, universidades, empresas, editoras, sindicatos e associações culturais, percorrendo mais de 900 cidades brasileiras. Publicou mais de 20 livros relacionados a temas como leitura e criatividade, ética, formação docente e didática. Publicou mais de 1.000 artigos e ensaios em revistas (acadêmicas e de divulgação científica), em jornais, blogs e sites, e traduziu mais de 10 livros para diferentes editoras.

PAINEL

por Patrícia Dal Farra Pereira / Psicopedagoga / Maria Auxiliadora

ENSINAR A PENSAR, É POSSÍVEL?

Dificuldades de memória, compreensão e atenção, capacidade prejudicada de realizar associações, dificuldade para elaborar sua própria escrita, déficit na habilidade reflexiva, incapacidade de entender os dados que estão nas entrelinhas, dificuldade na decodificação das informações, dificuldade em abstrair dados, interpretação de textos prejudicada...

Dentre outras, estas são algumas das problemáticas apontadas por profissionais especializados que chegam diariamente em nossas mãos por meio de informes ou laudos, tanto de psicólogos, psicopedagogos ou fonoaudiólogos.

É fato que temos sim um número considerável de alunos que realmente apresentam dificuldades e precisam de tratamento e atendimento especializado tanto fora como em sala de aula. Bem tranquilo até aqui... Mas, temos também alunos, que estão em condições adequadas à aprendizagem, mas demonstram certo descaso com as questões do aprender. Falamos neste caso não de alunos com dificuldades e sim de alunos com falta de vontade. Pensar não dói, mas de fato é trabalhoso, requer maior empenho e dedicação.

Vários podem ser os fatores que levam a esta realidade, mas vamos abordar um deles: a falta de um pensar efetivo, reflexivo. Os alunos estão de certa forma, adormecidos; comparecem às aulas, mas muitas vezes não produzem, falta comprometimento, interesse e atitude.

A facilidade do "copia e cola", bem como a cultura do imediatismo de certa forma pode prejudicar alguns alunos, pois acabam escolhendo o caminho mais fácil, que infelizmente pouco desenvolve em termos de raciocínio.

Precisamos saber argumentar e produzir a partir das nossas habilidades, construindo sem copiar. Ao pesquisar na rede, o mais importante é que possamos tirar nossas próprias conclusões sobre o que lemos. Para que um conceito seja assimilado, é preciso estabelecer e confrontar relações, senão não há aprendizado.

A primeira reflexão que propomos é que pensem a respeito das coisas, pensem a respeito de suas vidas, por onde estão indo, aonde querem chegar. Pensar é preciso, necessário e obrigatório para todo ser humano que está em desenvolvimento. É indispensável no processo de autonomia do indivíduo. Ao falarmos em pensar, falamos de um pensar reflexivo, isto é o pensar profundamente sobre as coisas, que compreende capacidade de indagação, questionamento e perplexidade.

Precisamos ensinar mais do que conteúdos, precisamos ensinar a pensar, a observar, ponderar, descrever, a esquematizar. De um modo geral faz-se necessário abrir espaços para pensar e para discutir o pensamento. Trabalhar no desenvolvimento de habilidades do pensamento, da construção de hipóteses, avaliando as evidências, tirando conclusões e acompanhando os processos. A atenção, a aprendizagem e a memória são aspectos fundamentais da cognição, definidos como processos mediante os quais somos capazes de codificar, armazenar e recuperar a informação.



PEQUENAS AÇÕES CONSTROEM INICIATIVAS DE APRENDIZADO

por Ana Paula Colvero, Aline Brutti Aita, Simone Alves, Ir. Caciane Quatrin,
Ir. Sinteia Reuse / Professoras / Escola Santa Catarina

A língua não é um código criado racionalmente. Não pode ser ensinada por um método, seja ele qual for, que considere a leitura e a escrita um simples mecanismo de decodificação e codificação de sinais gráficos. Paulatinamente, os educadores percebem a necessidade de aproximar a escola, a comunidade escolar e a sociedade na tarefa de alfabetizar. De modo geral, tem-se pouco acesso à cultura escrita, haja vista as condições sociais, políticas e econômicas em que vive grande parte da população.

Ainda que se tenham várias ferramentas de aprendizagem, a leitura é considerada um dos instrumentos mais importantes para a libertação do povo brasileiro e para a reconstrução da sociedade. No que diz respeito à leitura, pode-se dizer que ela privilegia algumas classes em detrimento de outras. Com isso, apenas o livro e a leitura não conseguem ser fatores de democratização na sociedade. Para Silva, o ato de ler é fundamentalmente um ato de conhecimento. E conhecer significa perceber mais contundentemente as forças e as relações existentes no mundo da natureza e no mundo dos homens [...] dos dominadores, exploradores ou opressores.

Neste sentido, é preciso que a escola e os professores incentivem os alunos a desfrutarem da leitura para que nela busquem conhecimento e, com isto, se tornem cidadãos críticos, pois as possibilidades do exercício da crítica através da leitura de livros são bem maiores do que aquelas por outros veículos de comunicação. Um texto sempre vai se referir a um determinado contexto e este é uma ponte para alguns aspectos da realidade. Para Silva, "compreender um texto significa compreender a relação dinâmica que ele mantém com um determinado contexto bem como perceber criticamente a subjetividade dos fatos desse contexto".

A literatura contribui de forma direta para criar momentos de interação. Sabe-se que o primeiro contato da criança é aquele mantido com pais, avós e outros familiares que contam histórias representadas em contos de fadas, inventadas na hora de dormir ou quando a família está reunida num momento de lazer. Segundo Cramer, os contos de fadas oferecem figuras nas quais a criança pode externalizar o que se passa na sua mente, de modo incontrolável. Os contos de fadas mostram à criança de que modo ela pode personificar seus desejos destrutivos numa figura, obter satisfações desejadas de outra, identifica-se como uma terceira, três ligações ideais com uma quarta, e daí para diante, como requeiram suas necessidades momentâneas.

Por outro lado, cabe reconhecer que os contextos são diferentes. A vida moderna limitou os contos de fadas, mas não retirou o hábito da interação social na família, ainda que seja em pequenos atos.

Quando o filho vê diariamente os pais folheando revistas, assinando cheques, lendo correspondências e utilizando as novas tecnologias de informação, ele tem muito mais facilidades de aprender a língua escrita do que outros filhos cujos pais são analfabetos ou têm pouca escolaridade. Isso ocorre porque ao observar os adultos, a criança percebe que a escrita é feita com letras e incorpora alguns comportamentos como folhear livros, pegar na caneta para brincar, escrever ou mesmo contar uma história ao virar as páginas de um livro ou revistas em quadrinhos.

Para Teberosky (2003), é preciso criar situações de aprendizagem e criar formas de resolvê-las para assim poder observar como as crianças responderão ao problema. Em seguida, é necessário propor uma reflexão para que consigam encontrar maneiras diversas para solucioná-lo. Nesse sentido, **cabe ao professor buscar novos conhecimentos para assim acompanhar a evolução das aprendizagens dos alunos.**

A aprendizagem da leitura e da escrita possibilita um processo de múltiplas dimensões, que promoverá o indivíduo a condições de ser social ativo, considerando suas experiências e interações com seus pares a fim de que ele possa construir a escrita. A democratização da cultura escrita é o ponto de partida para tornar o ambiente alfabetizador. A sala deve ter livros, cartazes com listas, nomes e textos elaborados pelos alunos (ditados pelo professor) nas paredes e recortes de jornais e revistas do interesse da criança, ao alcance de todos. Ter a prática diária de leituras para a classe auxilia a criança a ler pelos olhos do professor, já que não pode fazer isto sozinha.

Esses são alguns exemplos de como a classe pode tornar-se um espaço provocador para que a criança encontre no sistema da escrita um desafio e uma diversão. Em tal contexto, necessitamos, hoje, de programas de educação continuada que tenham um trabalho nesta área com quebras de paradigmas como orienta Kleiman.

Isso permite que se pense a aquisição da escrita como um processo que dá continuidade ao desenvolvimento linguístico da criança substituindo a ruptura que subjaz e determina a prática escolar.

Na mesma medida, pode-se afastar a prática de alfabetização de apenas soletrar, que no senso comum poderíamos dizer "fazer barulho com a boca diante das palavras escritas". As cartilhas prontas permeiam ambientes escolares reduzindo iniciativas, na impossibilidade de adequar métodos, práticas, conceitos e novos saberes.

Assim, não podemos discutir alfabetização nos moldes de uma educação bancária. Sabemos que a alfabetização leva em conta o nível de conscientização da criança sobre a escrita. Ignorar que ela pensa e tem condições de escrever desde cedo é um retrocesso. De certo modo, o desafio está a partir dos ambientes desfavoráveis. No entanto, novas perspectivas de paradigmas democratizantes se fazem necessárias no ambiente escolar. Uma solução pode ser inserir, no ambiente escolar, atos simples como manusear ou folhear um encarte planfletário, pois a alfabetização é um processo que tem início em tenra idade e não tem término, uma vez que os conceitos mudam de acordo com as épocas, culturas e a chegada de novas tecnologias.

A escola que temos hoje se encontra num grande desafio com relação ao ensino da leitura e da escrita, principalmente no que se refere à compreensão da leitura. Esta deveria ser uma atividade permanente do ser humano, uma habilidade a ser adquirida desde cedo e treinada em suas várias formas. Deveríamos ler para entender e conhecer. Ler por prazer e curiosidade. Ler para aprender e ficar informado. Ler para questionar e resolver problemas.

Contudo, para se alcançar esse patamar de conhecimento, algumas etapas precisam ser superadas. Conforme os estudos realizados por Emilia Ferreiro (1999), a construção do conhecimento da leitura e da escrita tem uma lógica individual, embora aberta à interação social, na escola ou fora dela. No processo, a criança passa por etapas, com avanços e recuos, até se apossar do código linguístico e dominá-lo. O tempo necessário para o aluno transpor cada uma das etapas é muito variável. Duas das consequências mais importantes do construtivismo para a prática de sala de aula são respeitar a evolução de cada criança e compreender que um desempenho mais vagaroso não significa que ela seja menos inteligente ou menos dedicada do que as demais. Outro fator associado ao aprendizado é que as crianças, ao chegarem à escola, já vêm com uma bagagem de conhecimentos prévios que, ao longo da vida escolar, vão sendo aprimorados. Da mesma forma, novos conceitos serão inseridos e apropriados.

Para resgatar o hábito de leitura, o prazer em ler e, conseqüentemente, em escrever, é preciso ter motivação. O gosto pela leitura é despertado ao envolver os alunos em atividades bem planejadas e momentos lúdicos. Para isso, os profissionais da educação precisam manter-se em constante formação, buscando novas estratégias para disseminar o conhecimento, visando envolver o aluno nas atividades propostas. É importante ressaltar que não só os professores têm essa missão. A família e as pessoas que fazem parte do contexto familiar também têm o seu papel, incentivando, monitorando os estudos, bem como o acesso e o uso das diversas informações disponíveis nas tecnologias da informação. Cremos que este seja o momento de todos, educadores, alunos e responsáveis, darem as mãos na busca de uma educação ideal, com alegria e prazer.



É na família
que pais e filhos
experimentam a grande
aventura de amar
sem medo.

ERROS E ACERTOS NA EDUCAÇÃO DOS FILHOS

por Arlete Rosane da Rosa / Coordenadora Pedagógica / Sagrada Família

O mundo em que vivemos exige de nós, pais e educadores, muita criatividade, compreensão, disponibilidade e sabedoria. Todos os dias somos testados, desafiados numa tarefa árdua, exigente, mas humanizadora. Temos vidas em nossas mãos e precisamos zelar por elas, somos cuidadores da criação divina.

A educação precisa acontecer no contexto familiar. É aí que os conceitos e valores são transmitidos de pais para filhos e ao contexto escolar cabe ampliar essas ações iniciadas na família. A missão dos pais é muito importante na vida dos filhos, pois além de assumir a criação dos mesmos, necessitam educá-los. E a arte de educar vai além de simples ensinamentos. A tarefa mais admirável é a de transmitir valores, instruir os filhos para seguirem os bons caminhos.

Porém, os desafios são muitos e, em algumas situações os pais acabam errando, como quando compensam com bens materiais a falta de tempo que possuem para dedicar-se aos filhos. A globalização está distanciando pais e filhos. A comunicação está cada vez mais rara e as distâncias se agigantam. É importante que os pais abram um espaço para dialogar a fim de saber o que se passa no interior de seus filhos.

A educação nos dias de hoje necessita de autoridade, de disciplina, mas também de muita compreensão e diálogo. Ter filhos é uma maravilha, mas é preciso impor limites para criar cidadãos preparados para o mundo. É preciso dizer não. Crianças que nunca ouvem um não, não vão aprender a dizer não quando necessário. É preciso valorizar os ensinamentos essenciais como: amor, respeito, honestidade, responsabilidade. E a disciplina é o que mais combina com a educação. É uma competência que se desenvolve para atingir o objetivo que se quer. Os pais devem fazer com que os filhos entendam que eles têm que cumprir sua parte para usufruir da felicidade. Os pais precisam exigir. No capítulo 30 do livro do Eclesiástico, a Palavra de Deus fala aos pais sobre a sua enorme responsabilidade na educação dos filhos. Ele diz: “Aquele que ama o seu filho corrige-o com frequência, para que se alegre com isso mais tarde”.

“Não educamos se falarmos somente SIM aos filhos, mas com diálogo e limites estarão preparados para o mundo”.

Dra. Vanize da Silva Vaghetti, Pediatra,
mãe de aluna da Escola N. Sra. Estrela do Mar

Os erros mais comuns na educação dos filhos:

1. Desautorizar o pai (ou a mãe) na frente da criança.

Quando os pais discordam de algo relacionado à criança, devem resolver isso longe dela, para chegar a um comum acordo, definindo as regras, que devem ser cobradas pelos dois.

2. Faça o que eu digo e não faça o que eu faço.

Os pais são a referência dos filhos. As crianças são muito observadoras. As atitudes dos pais surtem mais efeito do que suas palavras. Portanto, é preciso educar pelo exemplo.

3. Ceder às birras das crianças.

As crianças desafiam e buscam limites o tempo todo. Ceder às birras é deixar que o filho fique no comando. O não precisa fazer parte da vida de nossos filhos, pois é só ouvindo e vivenciando que aprenderá a lidar com frustrações, que também fazem parte do amadurecimento.

4. Não dar explicações.

Sempre que se diz “não” deve-se explicar o motivo disso. Assim o filho compreenderá que cada não que ouvir tem um porquê.

5. Fazer ameaças e contar pequenas mentirinhas.

Ameaçar sem cumprir enfraquece a moral dos pais, pois a palavra fica árida, autoritária e falsa. Mentiras, ameaças e chantagens não ajudam os filhos a lidar com as frustrações, a amadurecer os valores e a fazer uso de estratégias pró-ativas.

6. Compensar a falta de tempo com presentes.

Asseguramos a melhor escola, as melhores atividades, os melhores livros, computadores, brinquedos, mas falta a atenção. Consideram muitos entendidos na matéria da educação que oferecemos o melhor (materialmente) que conseguimos aos nossos filhos como uma compensação da nossa falta de tempo.

Acertos que devemos buscar:

1. Não ensine o seu filho a ser rico, ensine-o a ser feliz.
2. Ensine liberdade com responsabilidade. Excesso de liberdade gera jovens inseguros, sem limites, que não sabem usar sua liberdade, perdidos nas incertezas e fáceis de serem manipulados.
3. Use o silêncio, depois as ideias.
4. Elogie antes, corrija depois. A criança precisa de elogios sinceros, o reconhecimento das suas boas atitudes.
5. Tenha tempo para o afeto. Atrás de um jovem agressivo está uma pessoa carente de afeto.
6. Comunique-se, encoraje, perdoe seu filho, tenha regras, não mime os filhos, não tenha favoritos, respeite-os e motive-os.
7. Nunca destrua as esperanças de seu filho. Sem esperança não há estradas, sem sonhos não há motivação.
8. Seja exemplo. Toda criança vê no adulto um exemplo a ser seguido.
9. Escute, ouça seu filho, delicie-se com o som de sua voz, faça com que o que ele diz, soe com grande importância.
10. Estimule, desafie, finja que não sabe para estimular ideias, provocar pensamentos.

A família não nasce pronta, constrói-se aos poucos e é o melhor laboratório de amor. É na família que pais e filhos experimentam a grande aventura de amar sem medo.

Educar exige paciência! É um processo diário e as mudanças muitas vezes levam tempo. É importante ressaltar que não existe apenas um jeito certo para educar, não há fórmulas nem manual que se possa seguir, pois cada filho, cada pai e mãe são únicos em sua natureza. As dinâmicas familiares e relações estabelecidas são diversas e é no dia-a-dia que você encontrará as melhores formas de educar seus filhos, de acordo com as características de cada um deles.

“Educar é amar na medida certa, respeitando a singularidade de cada um. Cabe a família a educação dos filhos e a escola a sistematização do saber. A família erra quando responsabiliza a escola a sua missão de educar. E a escola erra quando assume toda responsabilidade que a família lhe transfere”.

Camile Corvelo Soares, Professora do Estado

por Lucineia Leichtveis / Psicopedagoga / Colégio Santa Teresinha

Educar sempre foi uma tarefa desafiadora. Colocar limites, mais ainda.

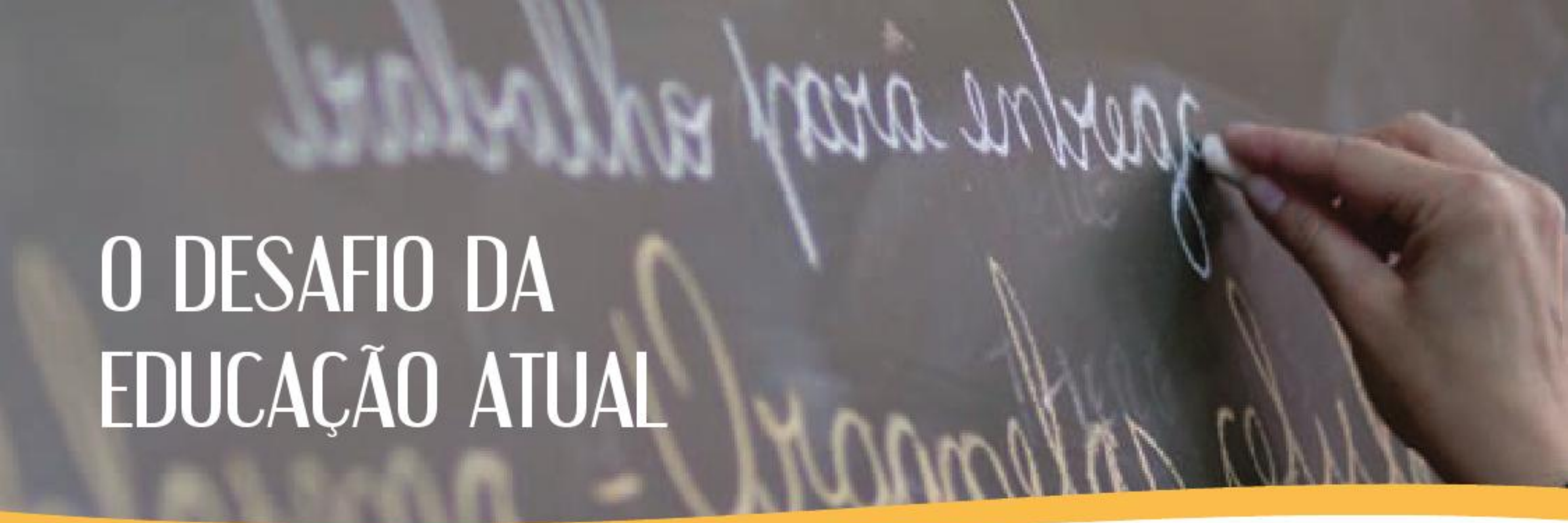
Existiu um tempo onde colocar limites era algo realizado de “cima para baixo”, isto foi chamado de autoritarismo. Passado esta época, refletindo-se sobre o assunto, educar tornou-se algo de igual para igual, pais e filhos, tornaram-se simplesmente parceiros, amigos. O autoritarismo transformou-se em liberdade sem limites.

Atualmente, percebe-se que muitos pais sentem dificuldades em colocar limites, não sabendo mais como agir com coerência e discernimento. Pais simplesmente se tornaram amigos de seus filhos. No entanto, pais não são somente amigos, são os adultos que têm em suas mãos a responsabilidade em educar, mostrar os caminhos corretos, com ética, valores e respeito.

O não deve ser entendido pela criança e pelo adolescente como a hora de parar, hora de perceber que suas atitudes não estão sendo bem conduzidas, mesmo que no momento entendam como algo injusto, o não será ressignificado, a frustração gerada, será depois entendida como ato de amor, de preocupação, de carinho.

Dê limites sem medo de errar e, mais tarde, poderá ver em seus filhos, adultos responsáveis.

Dar limites é educar. Educar é ato de amor.

A close-up photograph of a hand holding a piece of white chalk, writing on a dark chalkboard. The writing is in cursive and appears to be the words 'Trabalho para todos'. The background is slightly blurred, showing more of the chalkboard and the hand's movement.

O DESAFIO DA EDUCAÇÃO ATUAL

por Leandro Salenave e Luciana Severo / CCAPE / Rede Notre Dame

Em meio a tantos artigos, painéis e discussões de relevância tão expressiva para a educação, o título desta revista é, por si só, questionador: **Os Desafios da Educação.**

Mesmo que na forma de uma autodefesa, uma interpretação que pode ser gerada é a da negação. Desafios? Nós não temos problemas! Por que uma revista com este título? Comparada a outras realidades, realmente o complexo de escolas da Rede não apresenta problemas de índices significativos de repetência e baixa absorção dos conteúdos, e nem tampouco de violências: familiar, escolar ou no meio em que estão inseridos, apontados por muitos educadores e pensadores da educação como um dos grandes desafios.

Outra interpretação possível é dentro de uma questão filosófica para a educação enquanto desafio: "O conhecimento liberta, a ignorância escraviza".

Remetendo a diferentes interpretações e podendo ser tema de redação para qualquer concurso vestibular, é importante observar o significado da palavra ignorância. Segundo o dicionário da língua portuguesa, ignorância é o desconhecimento, a falta de instrução ou saber. Uma pessoa pode conhecer profundamente uma atividade, um seguimento, um conteúdo de uma determinada disciplina e simplesmente ignorar a existência de outra.

Seria a falta de conhecimento o motivador para uma escravidão? A quem interessa a escravidão ou a libertação? Os conhecimentos se acumulam e, por vezes, podem ser perecíveis. Apenas um exemplo para ilustrar: no início dos anos 1990 o indivíduo que conhecia os comandos de um sistema operacional de computadores chamado D.O.S. era um profissional diferenciado no mercado de trabalho e, hoje, este conhecimento não tem a mínima importância.

Voltando ao assunto liberdade e escravidão pelo conhecimento... A postura crítica e ética sobre qualquer assunto é muito importante para a solução das perguntas propostas e, o mais impressionante, diferentes respostas podem ser obtidas, guiadas pelos conhecimentos adquiridos ao longo das experiências e estudos, pela formação familiar e espiritual de cada um.

Quem sabe o Desafio da Educação esteja em vislumbrar que o ensino não é adquirido como um objeto e que, em tempos de tecnologias disponíveis a todos, lidar com a acessibilidade das informações, muitas vezes fúteis, dispersa a atenção dos jovens. Uma frase de Mário Sérgio Cortella tem uma bela reflexão que ajuda a elucidar este descompasso etário:

"Eu não concordo com a frase de que quanto mais se vive, mais velho se fica... gente não nasce pronta, não é um fogão ou uma geladeira, gente nasce não pronta e vai se fazendo... o mesmo é dizer que a juventude está perdida, é comparar a pessoa a um objeto".

Mesmo que não seja falando ou trocando mensagens no celular, os recursos agregados e a conexão com a internet possibilitam a publicação indiscriminada de conteúdos, muitas vezes, evasivos aos colegas.

Sob o prisma dos desafios da educação, por outro lado, os recursos tecnológicos podem ser ferramentas importantes na ilustração de um conteúdo, no reforço e complemento de uma atividade e, por que não dizer, na socialização de um conhecimento. Tal como um ciclo vicioso, ao se falar em tecnologia, lembramos da internet e, por consequência, das redes sociais, e quando o assunto é este, a exceção é tão traumática que parece regra... Embora não refletindo a totalidade, existem conteúdos publicados que denigrem a imagem de alguém ou de um grupo.

Se sairmos da sala de aula e transpusermos esta realidade para outros locais: cinema, restaurante, reuniões... um telefone que toca perturba bastante e em qualquer lugar.

Nossas escolas são desafiadas diariamente. Muito além do conteúdo, a formação integral do ser humano, de uma pessoa íntegra, capaz de atuar na sociedade em que está inserida, é uma prática constante na Rede Notre Dame. "Ensina à criança o caminho que ela deve seguir; mesmo quando envelhecer, dele não se há de afastar". (Pr. 22,6)

Ao citar que o conhecimento liberta e, questionar o uso dos celulares, a interpretação é única, fazemos barbáries aos colegas por falta de conhecimento, não tecnológico, mas autoconhecimento, por uma falsa autoafirmação, pela valorização do ter ao invés do ser. Muita gente sofre com publicações de imagens e com citações textuais indevidas. Assim, dizer que o mau uso dos recursos tecnológicos escraviza, é real.

A receita para ser liberto pelo conhecimento estaria no conhecimento generalista de tudo? Parcialmente a resposta, ao menos no meio acadêmico, é sim. As nomenclaturas estabelecidas pelo sistema de ensino brasileiro para os níveis de ensino ajudam neste entendimento. A Educação Infantil, o Ensino Fundamental e o Ensino Médio conglomeram a Educação Básica – período onde a educação formal se dedica à maioria dos conhecimentos generalistas. Conhecimentos especialistas são adquiridos nos cursos técnicos e/ou na formação superior, com os cursos de graduação e pós-graduação, a níveis de especialização, mestrado e doutorado.

Ainda sobre os questionamentos de tecnologia, coexiste a reclamação dos pais e professores que, muitas vezes, afirmam não conseguir acompanhar na mesma velocidade as evoluções tecnológicas, criando certo repúdio quanto a sua utilização.

É possível que àqueles que enfrentam dificuldades com o entendimento ou uso de uma, até então, nova tecnologia, precisem sim usar recursos que os ajudem a avaliar o impacto de estar fora de um determinado segmento e, se assim julgar importante, se inserir neste meio, usando os recursos que achar necessário.

No entanto, os contraexemplos nos saltam aos olhos. A juventude que vive e respira tecnologia, capaz de formar opiniões em 140 caracteres e alçar milhares de seguidores, é impotente em uma roda de amigos ao expressar uma opinião diferente se assim seus princípios e conhecimentos lhe conduzirem. Possui milhares de amigos na rede social, mas, muitas vezes, não sabe o nome do seu vizinho de porta. Envolve-se virtualmente em questões sociais de mobilização mundial, no entanto, não se sensibiliza com o morador de rua que precisa de um cobertor e um prato de comida.

Desta maneira, podemos perceber que a tecnologia não traz conhecimento, mas escravidão. O maior alienado tecnológico não é o que não sabe usar a ferramenta, mas aquele que a usa sem um bom propósito.

Seria simplista achar um culpado e execrá-lo. Seria a tecnologia a culpada pelos problemas da educação atual? O fim dos celulares e smartphones não é a solução dos problemas, assim como mais aulas no laboratório de informática também não o são!

Segundo Sêneca: “Não existe vento favorável para o marinheiro que não sabe aonde ir”. E nós, qual o caminho que queremos seguir? Publicada no livreto da Proposta Pedagógica das Escolas das Irmãs de Nossa Senhora e no site da mantenedora, a Missão deixa muito claro o norte almejado:

“A missão das Escolas Notre Dame é interagir, com competência e compromisso, na transformação da sociedade através da excelência educacional, formando pessoas autônomas, conscientes de sua dignidade e comprometidas com o cuidado da vida e da criação, testemunhas vivas de um Deus bom, providente e operoso”.

O destino está traçado, mas o caminho é construído diariamente. Nas entrevistas desta edição, muitos elementos corroboram para esta Missão. Quando Celso Vasconcellos cita a mediação qualificada do professor quanto ao uso das tecnologias, reforça a ideia do convívio harmonioso entre professor, aluno e recursos tecnológicos, vendo no recurso não um fim, mas um meio e um aliado para promover o conhecimento de forma mais lúdica, atrativa e transdisciplinar.

Na entrevista de Sérgio Lüdtke, do mesmo modo sobre o tema de tecnologia na sala de aula, ele afirma que o custo unitário e a questão ecológica que se impõe são obstáculos fortes à permanência do livro impresso, deixando ainda mais presente a questão de tablets e notebooks como recurso didático em sala de aula.

A revista ainda permeia assuntos recorrentes deste desafio contemporâneo da educação, falando sobre o gosto de leitura com Perissé e, fora da sala de aula, mas muito atrelado a realidade de todo cidadão, a gestão das próprias finanças do Reinaldo Domingos.

Mesmo levantando muitas questões, o objetivo final desta edição não é elucidar nenhum resultado, recorrer sob alguma ótica, alguma filosofia. A construção do conhecimento é feita assim, incomodando o que está estabilizado ou inerte, colocando em xeque conceitos e buscando contraprovas. Para Paulo Freire, “ensinar não é transferir conhecimento, mas criar as possibilidades para a sua própria produção ou a sua construção”.

Toda comunidade escolar – pais, alunos, professores, funcionários – é desafiada a educar e ser educada dentro dos contextos da atualidade. É necessário identificar que frente a dificuldades e percalços é preciso parar, pensar sobre os reflexos positivos e negativos das ações para a sociedade como um todo e, se preciso for, achar soluções diferenciadas na busca do sucesso pois, como dizia o grande gênio Albert Einstein, “Insanidade é continuar fazendo sempre a mesma coisa e esperar resultados diferentes”. Que Deus nos permita nunca estarmos prontos e acomodados, que estejamos sempre iluminados a escutar, discernir e caminhar.



CELSON VASCONCELLOS

responde sobre
**Ensino com
qualidade**



Em um tempo de constantes mudanças, é necessário que atuem profissionais pró-ativos, dedicados, que busquem objetivos com persistência, capazes de se reciclar continuamente, que possam corresponder de acordo com a necessidade de uma sociedade que exige muito do educador, não apenas pelo fato de exigir muitos conhecimentos técnicos e teóricos, mas principalmente por exigir que esta teoria se adapte com a realidade vivida no cotidiano do aluno. A participação da família também é crucial nesse processo.

Celso Vasconcellos esclarece, com propriedade, algumas dúvidas comuns estabelecidas na rotina escolar.

ENFOQUE - Cada vez mais os jovens se desmotivam para os estudos. Com uma carga-horária complexa e devido as exigências legais, como motivar o jovem de ensino médio a estudar, tendo ele 15 componentes curriculares para dar conta?

CELSON VASCONCELLOS - Precisamos ter coragem e enfrentar esta excrescência de organização curricular tipo "Jack, o estripador: vamos por partes"... Einstein afirmava que uma das maiores insanidades é fazer as mesmas coisas e esperar um resultado diferente...

Enquanto criamos coragem, existem algumas alternativas paliativas, como por exemplo, manter a mesma turma e os mesmos professores durante todo o Ensino Médio; concentração de aulas entre os professores, a fim de aumentar o tempo de convivência e a criação de vínculos mais profundos, fundamentais para o processo educativo (ex.: quem trabalha com Química, será que não poderia assumir também as aulas de Biologia? Quem trabalha com História, não poderia também dar aula de Filosofia? O mesmo professor não pode assumir aulas de Literatura, Gramática e Redação?). Afinal, os saberes trabalhados no Ensino Médio não são tão específicos e aprofundados a ponto de justificar uma fragmentação curricular tão grande. Além disto, há toda uma tendência nas Ciências de se trabalhar numa perspectiva inter/transdisciplinar.

E - Sabemos que a família é de fundamental importância na vida do estudante. De que forma podemos fazer com que a família participe mais da vida educativa de seus filhos?

CV - Este é um ponto que merece esclarecimento. O que significa para cada um de nós "participe mais da vida educativa do filho"? Um ponto bem concreto para desencadear esta reflexão é o dever de casa, o tema. Diante da pergunta "Se o filho está tendo dificuldade em fazer o tema, é dever dos pais ajudarem a superar esta dificuldade?", grande parte dos professores responde que sim. Ora, a rigor, isso não é obrigação dos pais! Se puderem e quiserem ajudar, ótimo, mas não é sua tarefa. Para que serve o tema? Basicamente, para consolidar as aprendizagens feitas em sala, preparar novas aprendizagens e desenvolver o espírito, a atitude de pesquisa.

Ora, se o tema é necessário e se o aluno não fez, não posso puni-lo por isto. Se não fez, o professor deve se aproximar e, olho no olho, questionar: Por que não fez? Não se organizou? Não reservou tempo para isso? Não entendeu? Estava muito difícil? Enfim, desencadear uma conversa. Se o professor for esperar a competência dos pais para ajudar os filhos nas dificuldades dos temas, estará reproduzindo a ordem desigual, porque só poderão ajudar os filhos aqueles pais que já têm estudo e tempo disponível. Portanto, estará privilegiando quem já tem e punindo quem não tem. Por isso, essa visão de que "Se não veio da família, a escola nada pode fazer", ainda que sem consciência, ou sem intenção, reproduz a ordem de exclusão social, infelizmente, presente em muitos professores. Isso se chama ideologia. Lembra de Paulo Freire, da Pedagogia do Oprimido, quando fala que uma das coisas mais terríveis é o oprimido, ao sofrer tanta opressão, acabar hospedando em si o opressor? De tal forma que, quando tem um espaço de manifestação, aquilo que vem dele é o próprio opressor.

**Pais e professores
devem educar,
cada um no seu sentido.**

Tudo isto para dizer que, de fato, a família deve participar mais da educação de seus filhos e não tanto do ensino, forma de educação mais específica da escola. Para não haver confusão: pais e professores devem educar. Pais no sentido geral. Professores no sentido específico: o papel do professor é educar (= humanizar) através do ensino. A grande tarefa dos pais está na maternagem, na paternagem, no cuidar, amar, ajudar o filho a dar um sentido para a vida, valorizar a escola, valorizar o professor, criar rotina para o estudo, acompanhar o estudo em casa, interessar-se pela vida do filho na escola, participar da escola, da construção do Projeto Político-pedagógico, das reuniões de pais, do conselho de classe, do conselho de escola, dos grupos de estudo na escola, etc.

E - Qual a condição fundamental para um ensino de qualidade? Qual o papel do professor nesta tarefa?

CV - Esta é uma questão bastante complexa, e não devemos esperar respostas simplistas, reducionistas, imediatistas. Para mudar a escola - e a sociedade - precisamos de mudanças nas pessoas e nas estruturas. Não pode haver dicotomia. Como diz o ditado africano, "É preciso toda uma aldeia para se educar uma criança". Há necessidade de políticas públicas para a educação. Não se pode ficar na base da boa vontade individual. A conquista da qualidade social passa necessariamente por algumas exigências básicas externas à escola, como a formação docente (inicial e continuada); salário/plano de carreira/concurso, condições de trabalho, família assumir suas responsabilidades na educação dos filhos; valorização social da escola e dos seus profissionais. Mas passa também por exigências internas, sobretudo no que diz respeito à revisão das práticas e posturas dos profissionais que atuam na escola. Não tem sentido ficar esperando que o mundo se comprometa com o direito à educação de qualidade democrática dos alunos, para daí nos comprometermos. Cabe comprometermo-nos e cobrar que o restante da aldeia faça o mesmo.

Nesta medida, um dos papéis básicos do professor é contribuir para a produção de sentido da atividade discente. Para mim, este sentido passa pela tríplice articulação entre:

- Compreender o mundo em que vivemos. Tal perspectiva corresponde ao desenvolvimento da consciência, à necessidade humana fundamental de viver num mundo que faça sentido, de compreensão crítica da condição humana e da realidade nos seus vários campos. Uma vez compreendido, o sujeito pode usufruir o objeto, partir para o conhecimento de outro objeto, ou transformá-lo;
- Usufruir o patrimônio acumulado pela humanidade, isto é, participar do riquíssimo acervo simbólico e material (inclusive para sua sobrevivência), das conquistas histórico-culturais (de maneira consciente, não predatória, sustentável); e, sobretudo,
- Transformar este mundo, qual seja, colocar este conhecimento a serviço da alteração do currículo pessoal (superar-se, vocação histórica e ontológica de ser mais), assim como do currículo da Polis (construção de uma realidade melhor, mais justa, solidária e plena), na perspectiva da formação omnidimensional do ser humano, através do trabalho e do engajamento social.

E - A tecnologia está presente cada vez mais na vida de nossos educandos. O que o senhor pensa sobre o uso de tablets, notebooks, livros digitais na aprendizagem?

CV - Penso que é uma grande abertura no sentido de obtenção da informação. É impressionante o campo de possibilidades que se abre em termos de pesquisa. Todavia, a tarefa educativa, incluindo a construção do conhecimento, pede a mediação qualificada do professor. Vale sempre recordar que informação não é conhecimento. Conhecimento é informação trabalhada, articulada, problematizada, totalizada, historicizada, e isto é coisa de mestre, não de máquina! O professor não deve ficar alheio às novas tecnologias da informação e da comunicação. Pelo contrário, deve dominá-las para colocá-las a serviço de um projeto emancipador, que atenta às demandas essenciais dos fundamentos humanos (maternagem, paternagem, infância, juventude, maturidade, amizade, amor, aprendizagem, desenvolvimento, etc.).

E - Com tantas diferenças de interesses em sala de aula por parte dos alunos, como é possível o professor adaptar seu planejamento e atingir seus objetivos?

CV - Conhecendo, em grandes linhas, seus alunos, seus interesses, histórias de vida escolar, ambientes que frequentam, como se divertem, etc. A partir disto, organizar seu planejamento. Na prática pedagógica, criar uma atmosfera de participação, onde os alunos sintam-se à vontade para expressar o que pensam, onde possam dialogar com o professor e com os colegas num clima de respeito. Diante da dificuldade na aprendizagem ou no comportamento, aprofundar o conhecimento com aquele aluno especificamente (isto porque não sei se é possível e se seria bom conhecer todos mais profundamente, dadas as questões do tempo e da estrutura psíquica do professor para lidar com os dramas todos dos alunos). Não perder de vista a dialética igualdade-diversidade: não somos só diferentes; somos também iguais em vários aspectos. Em nome da diferença, não podemos deixar de considerar os elementos comuns. No limite, se cada um for absolutamente diferente do outro, não há como acontecer a aula, pois nenhuma forma de comunicação seria possível. Aliás, a própria Cultura seria impossível, dado o estranhamento total de uns para com os outros.

Sobre Celso Vasconcellos

Prof. Celso dos Santos Vasconcellos é Doutor em Educação pela USP, Mestre em História e Filosofia da Educação pela PUC/SP, Pedagogo, Filósofo, pesquisador, escritor, conferencista, professor convidado de cursos de graduação e pós-graduação, consultor de secretarias de educação, responsável pelo Libertad - Centro de Pesquisa, Formação e Assessoria Pedagógica.

PAINEL

A COMPLEXIDADE DA EDUCAÇÃO

por Cláudia Lima Gonçalves / Supervisora Pedagógica / Maria Auxiliadora

O cotidiano escolar é um ambiente complexo e belo, onde o trabalho pedagógico é concebido, realizado e constantemente avaliado. Segundo o autor Paulo Freire, em sua obra *Pedagogia do Oprimido*, "A educação não transforma o mundo. Educação muda pessoas. Pessoas transformam o mundo". Em uma sociedade contemporânea, cada vez mais tecnológica, precisamos quebrar paradigmas e repensar as formas de ensinar, levando-se sempre em conta o projeto pedagógico da instituição de ensino, que guia os princípios e valores que a escola quer aperfeiçoar no indivíduo.

A acepção da educação escolar pode ser entendida ainda, no que diz respeito aos valores e conhecimentos, da seguinte forma apresentada na resolução CNE/CEB nº 05/2012:

"[...] a educação é um processo de produção e socialização da cultura da vida, no qual se constroem, se mantêm e se transformam conhecimentos e valores. Produzir e socializar a cultura inclui garantir a presença dos sujeitos das aprendizagens na escola."

Precisamos integrar os saberes e espaços oferecidos pela escola, de maneira que o professor seja o norteador da descoberta de novos conhecimentos de forma criativa e prazerosa. Conceitos e teorias podem ser facilmente conseguidos na internet em qualquer momento. A informação pode ser obtida, no entanto, o conhecimento deve ser adquirido. A diferença se dá na forma como o currículo pode ser aplicado, como pode preparar o aluno para a sociedade e, principalmente, na prática pedagógica do professor. Heinrich Bernard Overberg, eclesiástico, educador e autor (1754-1826) contribuiu com suas referências e citações para a educação. De acordo com Overberg a tarefa de ser professor é a mais importante de todas:

"Sou Educador – Minha profissão é a mais importante de todas as profissões, porque nenhuma outra profissão pode ser mais sagrada do que ser um educador da verdade e da virtude para tantas crianças, um representante de tantos pais, um pai/mãe espiritual de tantos educandos ... um anjo visível de Deus, um zelador de Cristo ..."

O educador Overberg também vê na disciplina aplicada em sala de aula o modelo de respeito, amor e bom exemplo que o educador deve transmitir ao aluno:



"[...] Estudar nunca deveria ser um peso; as aulas não deveriam ser irritantes ou maçantes, a escola não deveria ser enfadonha ou cansativa. Disciplina e boa ordem deveriam ser mantidas pela remoção de obstáculos, prevenindo ocasiões, mantendo as crianças ocupadas e interessadas, sem ameaças, nem gritos. O princípio orientador de manter a disciplina é ganhar o respeito, o amor e a confiança dos alunos, especialmente pelo bom exemplo."

Sabe-se que a família também exerce papel fundamental no desenvolvimento de cada indivíduo. É função da família promover a educação de seus filhos e influenciar o comportamento dos mesmos no meio social em que estão inseridos. Atitudes como acompanhar o tema, elogiar as atividades realizadas, estimular a aprendizagem, participar de reuniões de pais, assistir campeonatos escolares são fundamentais para o sucesso escolar dos filhos. Muitas vezes, percebemos ao longo da educação básica, o distanciamento de algumas famílias nesse processo de aprendizagem. O estímulo e a valorização do conhecimento em casa são grandes aliados para que o aluno tenha compromisso com a escola e seja bem sucedido nos estudos. É preciso proporcionar aos filhos tarefas e limites, tratá-los com firmeza e amor, fomentar o sentido de responsabilidade e o desejo de realizar atitudes corretas. A relação entre pais e filhos é essencial para o desenvolvimento físico, intelectual e emocional das crianças, pois auxilia na formação de vínculos sociais e no respeito ao próximo.

Diante dos desafios que surgem no cotidiano escolar, cabe ao professor perceber o contexto em que está inserido e perceber-se dentro dele, como parte do processo de aquisição do conhecimento. É preciso desacomodar-se de seus paradigmas, ser flexível em seu planejamento, saber adaptar-se às novas realidades e, principalmente, ousar quando for necessário. O diferencial do professor está relacionado não só as tecnologias e metodologias que são desenvolvidas na sala de aula, mas na forma como os vínculos são criados com seus educandos, na comunicação direta, simples, correta e concisa que estabelece dentro e fora da sala de aula.

O escritor Ruben Alves afirma que é preciso propor um novo professor, o "professor de espantos". Segundo o autor, o objetivo da "educação não é ensinar coisas porque as coisas já estão na internet, estão por todos os lugares, estão em livros [...] é criar a alegria de pensar [...] a missão do professor é provocar a inteligência, é provocar o espanto, é provocar a curiosidade".

Cabe à escola, saber lidar com as diferenças, ter visão e experiência para orientar, mediar e promover o conhecimento, diante de tantas provocações da educação na complexa sociedade do século XXI.

Santa Júlia Billiart, mãe espiritual da Congregação Notre Dame, escreveu em uma de suas lindas cartas "O bom Deus quer que nós lancemos as sementes. Ele se encarregará de fazê-las produzir frutos a seu tempo". É preciso semear através dos valores que ensinamos, precisamos saber preparar o solo e esperar que ele seja fértil o bastante para inspirar e formar cidadãos críticos e felizes em seu tempo, comprometidos e adultos em sua fé.

MÚSICA NA ESCOLA - ENSAIO

por Eduardo Guedes Pacheco / Prof. de Música da UERGS / Colégio Madre Júlia

Vou começar este pequeno ensaio com uma simples e curta história sobre a música na escola. E, que pela ironia que só o jogo de dados proposto pela vida pode oferecer, me foi apresentada não por uma professora de música, mas por uma professora de dança. Uma representante do governo cubano estava em Campinas para falar sobre a Educação de Cuba. Apesar de todas as polêmicas que envolvem este país, a sua Educação tem reconhecimento internacional pela qualidade que apresenta. Ao falar do processo de seleção para escolher os professores de crianças pequenas começou a discorrer sobre a prova prática a qual os candidatos eram submetidos. Contar uma história, cantar uma música... Ao término da exposição uma das pessoas presentes realizou uma pergunta, "quer dizer que se eu não souber cantar eu não posso ser professora de crianças em Cuba?" A representante do governo cubano respondeu, "quer dizer que se tu não souberes cantar tu podes ser professora aqui?" Este relato apresenta uma inversão de valores sobre a presença da música na escola, pelo menos no contexto da educação brasileira. A recorrente pergunta, por que a música deve estar presente nas ações educativas das escolas brasileiras perde força e dá espaço para outras perguntas. Por que excluir da possibilidade de acesso ao conhecimento uma forma de expressão que confunde a sua existência com a própria existência da humanidade? José Miguel Wisnik, em seu livro "O Som e o Sentido; uma outra história das músicas", nos coloca que o desenvolvimento social, suas escolhas e organizações têm relação direta com a forma com que os povos escolhem para se relacionar com os sons do mundo. E que escolher um determinado som em relação aos demais, excluir um ruído e exaltar outro ajuda a compor as formas de existência coletivas. O mesmo autor nos lembra que a grande maioria das histórias, mitos e lendas sobre a criação do mundo envolvem traços sonoros. Não é por acaso que um povo escolhe o ritmo como marca maior de suas músicas e outro elege a melodia como força principal de suas criações musicais. Portanto, por que deixar de fora do imenso arsenal de conhecimentos produzidos pela humanidade um infindável número de criações que ajudam a compor o próprio conceito de humanidade? Por que não apresentar aos nossos alunos e alunas o canto feminino do Burundi, as gaitas de foles da Hungria, orquestras de cordas, flautas e percussões da Tailândia, o Maracatu de Pernambuco, os tambores do Japão chamados Taikô, o Canto Gregoriano, as Marimbas da África, a guitarra de Jimi Hendrix, as melodias de Antônio Lucio Vivaldi, os instrumentos de cordas da China Ruan, Linqin e Pipa, os pandeiros utilizados no Egito, Portugal, Israel e Brasil? Por que não compartilhar com os meninos e meninas da Educação Básica a imensa multiplicidade da música brasileira? Por que não criar oportunidades para degustar através do canto, da execução de instrumentos, da composição e da apreciação o maior número possível de exemplos da música do mundo? Por que não entender a música como uma forma de pensamento que através das suas criações tem um território no qual são expressos conhecimentos próprios e que, através da relação com as outras formas de pensar escolhidas pela humanidade, podem contribuir no processo de formação proposto na educação básica? Por que não permitir que as crianças possam, através do convívio com fermatas, melodias, ritornelos, pausas, sonatas, concertos, ritmos, colcheias, harmonias e síncopas, acrescentar as suas brincadeiras e invenções sobre o mundo a música como mais um elemento de sua criatividade?

Entendo que tratar da música no contexto escolar não diz respeito somente a inclusão de mais um ator no elenco de disciplinas do currículo escolar, neste caso uma atriz. Problematicar sobre a presença da música no contexto escolar é também problematizar sobre os valores que conduzem a educação brasileira. Pensar sobre a arte na escola é aumentar a possibilidade de que o processo educacional possa ultrapassar cânones conduzidos pela exclusividade da razão e da cognição (Cógito Cartesiano). É assumir que a arte conduz a experiência humana pela sensação, pelo sentir, pela invenção e pela novidade. Que pensar é um processo mais complexo que a Modernidade nos colocou através das suas escolhas positivistas.

Este pequeno ensaio assume como inspiração o trabalho realizado por professores como Jusamara Souza, Claudia Bellochio, José Everton Rozzini, Cristina Wolffenbüttel, Esther Beyer, entre outros professores de música que atuam ou atuaram no Estado do Rio Grande do Sul, que através de suas pesquisas e trabalhos têm ajudado na implementação da Lei 11.769/2008, que garante a presença da música no contexto da Educação Básica, mas que também nos ajudam a lembrar que indicações legais não são suficientes para garantir a mudança de paradigmas quando tratamos de valores. A música na escola ajuda a criar condições para que a arte seja entendida como uma forma de conhecimento e que através das cores dos seus sons pode contribuir com a criação de um mosaico de possibilidades de desenvolvimento que são proporcionados por ela.

"Para ouvir os sons a criança precisa de atenção. É na atenção que ela percebe as diferenças entre os sons dos animais, da natureza, do ser humano, e difere os ruídos e barulhos dos aparelhos eletrônicos com os sons musicais. Ao fazer as coreografias ao som da música, a criança desenvolve a motricidade, além de fazer tudo com alegria e satisfação".

Ir. Nilsa Hartmann / Profa. / Sagrado Coração de Jesus



O MUNDO ATRAVÉS DOS SONS

por Margarete Marques da Silva / Professora / Escola Maria Rainha

Dos cinco sentidos que o corpo humano é dotado, o da audição nos remete a interpretações dos sentimentos. Ajuda a expressá-los com uma simples entonação diferenciada, além de ser uma fonte de proteção, expressando atenção, perigo, localização, enfim, está tão atrelado ao conhecimento das coisas do cotidiano, que é difícil dissociar estes elementos.

Proporcionar o entendimento do aluno no meio em que vive através da musicalidade é o objetivo do projeto cuidadosamente desenvolvido com os alunos da Escola Maria Rainha. O trabalho envolve os jovens das turmas da Educação Infantil e Ensino Fundamental I, e permanecerá em ação durante todo o ano letivo.

O projeto consiste em duas partes, onde, no primeiro momento o foco é a identificação sonora e, no segundo, a expressão musical, utilizando instrumentos sonoros disponíveis na escola ou construídos através de sucatas.

Os sons do nosso mundo

Usando alguns objetos que produzem som, a atividade consiste em mostrar a intensidade do som produzido e a sua duração de tempo. Passando, posteriormente, à produção dos sons com o próprio corpo.

Momentos como este são muito relevantes para o projeto, uma vez que identifica não só no objeto a sonoridade, mas no próprio corpo, dissociando a ideia que apenas a oralidade é perceptível ao som.

Histórias e vídeos complementam a atividade e proporcionam momentos de acomodação das teorias e práticas, estudadas e vivenciadas com a música. Uma das histórias de grande repercussão é a do Som fraco que queria ser forte, mostrando-se um excelente subsídio para introdução ao assunto da poluição sonora, indicando que alguns sons podem ser prejudiciais a saúde.

A identificação dos sons na natureza e sua intensidade ajudam os estudantes no entendimento de que estamos inseridos no contexto de um mundo sonoro e harmônico. O trovão, a cachoeira, a ventania, o canto de pássaros e do galo foram alguns dos elementos explorados com os alunos.

O som que se faz

Na primeira fase do projeto, alguns recursos sonoros foram produzidos usando o próprio corpo como objeto sonoro. Na segunda, os estudantes criaram os próprios instrumentos, observando e analisando o processo criativo.

Na preparação desse segundo momento, é importante usar o lúdico como ferramenta de identificação. Os alunos escutam sons gravados e os reproduzem através de desenhos dos objetos identificados. Os sons identificados e classificados ajudam no entendimento da leitura da música.

As primeiras peças produzidas pelos alunos foram o chocalho, o xilofone e a flauta, todos utilizando material reciclado e elementos da natureza. Arroz, pequenas bolas plásticas, madeira, garrafas de vidro de tamanhos e espessuras diferentes e bambus.

A evolução no processo de percepção dos sons é notório. No decorrer do trabalho as próprias identificações realizadas pelos professores poderão ser melhor aproveitadas. Um exemplo desta afirmação é, em meio a um filme, chamar a atenção da trilha sonora e identificar os elementos musicais.

Foco na excelência educacional

A essência extraída dos resultados do projeto contribuem no diferencial de formação oferecido na escola. Proporcionar atividades que despertem e desenvolvam as percepções e sentimentos humanos valorizam os processos de aprendizagem escolar e formam cidadãos melhores para o futuro.



SÉRGIO LÜDTKE

responde sobre
**A tecnologia
no ensino**



A tecnologia está em rápida e constante evolução. Novidades surgem no mercado diariamente e a educação não pode ficar desatenta à essa realidade. Ensinar é uma atividade que exige mudança e é preciso se adaptar às novas formas de aquisição do conhecimento para estar mais próximo a linguagem cotidiana dos jovens. Para isso, empresas estão focando seus estudos em tecnologias para melhorar o ensino e facilitar a vida dos professores e dos alunos.

ENFOQUE - Diante do crescimento do mercado tecnológico, qual a sua opinião sobre o destino dos livros impressos (didáticos e paradidáticos)?

SÉRGIO LÜDTKE - O livro impresso tende a perder bastante espaço com a popularização de tablets e laptops, o que não quer dizer que ele vá acabar em alguns poucos anos. Ainda há barreiras econômicas e de infra-estrutura, um grande número de pessoas sem acesso à eletricidade, mas será difícil resistir às vantagens de um aparelho digital num futuro próximo. Além da facilidade de uso e de interações, dos múltiplos recursos educacionais neles contidos e da capacidade de armazenamento dos aparelhos digitais, a logística de distribuição, o custo unitário e a questão ecológica que se impõe são obstáculos fortes à permanência do livro impresso. A seu favor ainda conta - e esse sempre foi seu diferencial - a portabilidade.

E - Como você vê a utilização dos eletrônicos como instrumento de ensino em sala de aula?

SL - Acredito que o uso de livros eletrônicos, com seu enorme potencial interativo, aliado à adoção de novas ferramentas oferecidas pela tecnologia, como participação de professores e conferencistas à distância, recursos audiovisuais acessíveis pela internet, bibliotecas online e games educativos podem criar um ambiente altamente estimulante para a busca do conhecimento.

E - É notório que os jovens estão cada vez mais influentes nas redes sociais. Como a escola pode canalizar esse desempenho para os estudos?

SL - Estimulando a participação também nos assuntos da escola, criando um ambiente aberto à participação, ouvindo a voz dos alunos e respondendo a eles de forma transparente. A escola deve criar as condições para reproduzir no ambiente real ou virtual da escola o ativismo que os alunos já exercem fora dela sem esquecer o seu papel formador e a valorização do professor nesse contexto.

E - As novidades e evoluções tecnológicas acontecem muito rapidamente, no entanto, as relações humanas são fundamentais na formação do aluno. Como as Instituições de Ensino podem acompanhar os avanços da modernidade sem perder a essência da sua atividade?

SL - As redes sociais virtuais são ferramentas que as pessoas usam para se aproximar de pessoas ou se reaproximar de pessoas distantes no espaço ou no tempo. Elas ajudam a construir universos virtuais paralelos ao ambiente físico em que

sempre se estabeleciam os laços de afeto. O fato dessas conexões se darem na maior parte das vezes num ambiente amparado pela tecnologia não quer dizer que as relações não sejam reais. A escola é um ambiente de convívio, a reunião de grupos de pessoas num espaço físico comum, com objetivos e metas comuns cria um elo muito forte entre os formadores desses grupos. A tecnologia é usada por eles - e deve ser usada também pela escola - como extensão desse ambiente, como continuidade daquilo que se criou no ambiente físico. A escola não deve se amedrontar com os recursos tecnológicos, mas saber usá-los a favor da disseminação do conhecimento e da formação de cidadãos conscientes de seu lugar e seu papel no mundo.

E - Que dicas você deixaria aos alunos, aos pais e aos professores, quanto às redes sociais?

SL - Que pais e professores alertem seus filhos e alunos para possíveis riscos da superexposição na web, mas que não se fixem tanto no controle da privacidade, ocupem-se mais com orientações aos jovens sobre os prejuízos que suas reputações podem sofrer. As redes têm um forte componente viral, uma capacidade impressionante de disseminar informações, nem sempre há tempo para o arrependimento e muitas coisas ficam marcadas para sempre. Nesse ambiente, os jovens deveriam pensar duas vezes antes de compartilhar informações pessoais e manifestar opiniões, mesmo para grupos supostamente fechados. Um dano à imagem na web não se apaga com borracha ou apagador, ele pode ser permanente.

Sobre Sérgio Lüdtke

Sérgio Lüdtke é jornalista formado pela PUC-RS com Master em gestão de empresas jornalísticas pelo CEU/Universidade de Navarra (2006). Foi editor na Artes e Ofícios Editora, presidente do Clube dos Editores de Livros do Rio Grande do Sul, vice-presidente da Câmara Rio-grandense do Livro, editor-executivo de Internet e Inovação no Grupo RBS (2001-2009) e editor de plataformas digitais na revista Época (2009-2011). Atualmente, é coordenador do Programa Avançado em Jornalismo Digital no Instituto Internacional de Ciências Sociais (IICS), diretor de Interatores.com e membro do Grupo de Avaliação Editorial (GAE Digital) do Estadão.

PAINEL

LEITURA E INTERNET

por Cristiane Dariva Costa / Bibliotecária / Rede Notre Dame

Ao contrário do que supostamente intuimos a Internet influencia e estimula os hábitos de leitura. Utilizada de forma correta e com acompanhamento dos pais e educadores é uma excelente ferramenta. Os jovens já estão familiarizados com seus recursos. A rede demonstrou-se ao longo dos anos como um veículo "formador de opinião" assim como as demais mídias como TV, jornais, revistas, etc. Fazer aquisições de obras tanto no formato em papel como eletrônico, acessar blogs de discussão, visitar páginas de autores e conferir lançamentos de editoras são algo corriqueiro na web. Há inclusive softwares com a finalidade de compartilhar nossas leituras e opiniões como o caso do book Club, GoodReads, Skoob, entre outros. Os smartphones e tablets nos permitem ter acesso ilimitado a diversos conteúdos em qualquer local. Isto já faz parte de nossa rotina e é algo irreversível.

Assim como outrora se pensava que com o surgimento da TV iria desaparecer o rádio e o cinema, isto ao longo do tempo demonstrou ser um mito. Da mesma maneira, isso não ocorrerá com a leitura e com o livro. O que de fato vamos ter é uma segmentação cada vez maior de público, a comunicação está cada vez mais específica. Desta forma, para atingir o público-alvo precisamos utilizar diversos recursos e é isto que editoras, autores, leitores, educadores, enfim todo ciclo de personagens que compõem e reproduzem a informação está fazendo.

Isto faz com que a produção de informações cresça de forma exponencial. De acordo com os resultados da última pesquisa, divulgados em julho de 2012 pela FIPE/ USP, as editoras brasileiras registraram 469,5 milhões de livros vendidos em 2011, elevação de 7% com relação a 2010, e o número de publicações eletrônicas em 9%. Achávamos que o crescimento de publicações impressas era inversamente proporcional ao crescimento da mídia eletrônica, mas não foi o que de fato ocorreu. A informação está interligada e pulverizada em diversos meios. O que se tornou imprescindível é a sua seleção em termos qualitativos como verificar a veracidade da informação, se provém de uma fonte segura, se seu conteúdo é exato e objetivo, enfim avaliar a sua credibilidade. Como não podemos acessar a todo o conteúdo precisamos filtrá-lo para fazermos uso do que de fato é pertinente, e isso vale para publicações impressas e eletrônicas. Não é uma tarefa fácil. Pais e educadores devem estar atentos para que os jovens não tenham acesso a conteúdo indevido.



O primeiro desafio
ao sair da Escola

A ESCOLHA DA PROFISSÃO

por Márcia Elisa Bertoglio Ribeiro / SOE / Maria Auxiliadora

O presente artigo tem por objetivo analisar o processo de escolha profissional dos adolescentes e jovens, diagnosticar os principais desafios desta etapa, perceber o concurso vestibular como parte integrante e desafiadora deste processo e também oferecer subsídios aos pais para que possam acompanhar de forma construtiva, prazerosa e saudável este momento tão significativo da vida de seus filhos.

Conhecer-se, identificar suas aptidões, perceber onde suas habilidades podem ser empregadas no futuro e saber que história deseja construir, são os primeiros passos a serem dados no processo de escolha da profissão.

Apontar alternativas neste processo de escolha e estabelecer uma aliança entre alunos, escola e família é fundamental para garantir a qualidade de vida de nossos vestibulandos.

Enfrentar o desconhecido, ir atrás de alternativas e compreender as mudanças de nosso mundo são desafios constantes para alunos, familiares, educadores e especialistas.

Profissão - para muitas pessoas é apenas uma forma de "ganhar o pão de cada dia", mas, para muitas outras é a arte de viver a vida.

E, ao pensarmos em projetos de vida, é bom lembrar que...

"Viver, como talvez morrer, é recriar-se: a vida não está aí apenas para ser suportada nem vivida, mas elaborada. Eventualmente reprogramada. Conscientemente executada. Muitas vezes ousada!" (Lya Luft, Pensar é Transgredir)

Para melhor exemplificar as etapas deste processo de escolha, ao longo deste artigo definiremos vocação, profissão e trabalho, analisaremos as etapas deste processo de mudança, o desafio do vestibular e a importância do acompanhamento da família nesta etapa de conclusão da 3ª série do Ensino Médio.

Vocação, profissão ou trabalho?

Frente a um cenário onde o encolhimento do mercado de trabalho, o desaparecimento de algumas profissões, a substituição de mão-de-obra por vias tecnológicas, a perda do poder econômico e do status profissional são barreiras à entrada no mercado de trabalho (II Encontro de OE/UNIRITTER, 2008), faz-se necessário conceituar e compreender o significado de VOCAÇÃO, PROFISSÃO E TRABALHO.

Vocação, segundo o dicionário, é o ato de chamar, predestinação; tendência ou inclinação, talento.

A vocação representa o encontro da pessoa com o seu verdadeiro caminho. Segundo Paulo VI, "a vocação atinge o homem todo e todos os homens". É distinguir uma voz no meio de tantas outras vozes. Percebemos que nossos adolescentes e jovens são expostos à várias "vozes" que na maioria das vezes são um apelo ao consumismo, drogas, álcool e uma vida sem regras e limites. Por este motivo que o discernimento da vocação é algo que vai permear por toda a vida, embora com dimensões diferentes.

Escolher um caminho significa abrir mão de outros e a verdadeira vocação cresce com a força do Espírito. Podemos associar a vocação com a noção de DOM, que é uma predisposição ou capacidade inata herdada para determinadas atividades.



Quem trabalha
de bem com a vida
se sente mais realizado.

Profissão, atividade especializada e de caráter permanente.

Profissão é a resposta para a famosa pergunta: "o que você vai ser quando crescer?" Quando se é criança a resposta está na ponta da língua: bailarina, jogador de futebol ou pop star. Pode parecer uma pergunta sem sentido para uma criança, mas certamente a resposta já está levando em consideração sonhos, possibilidades e possíveis conquistas.

A profissão envolve atividades que no dia-a-dia vão exigir as habilidades, aptidões e características pessoais.

Segundo Dulce Lucchiari em seu livro *Pensando e Vivendo a Orientação Profissional*, a escolha da profissão é uma necessidade, é um nascimento existencial onde se está definindo a identidade.

Trabalho é a aplicação das atividades físicas ou intelectuais. O trabalho ideal é aquele que nos proporciona uma sensação de bem-estar, quem trabalha de bem com a vida se sente mais realizado. O sucesso no trabalho está agregado à competência e habilidade. Ser trabalhador é estar em busca de desenvolvimento profissional, do nosso sustento e também da nossa busca por um "lugar ao sol".

Com absoluta certeza, o futuro do trabalho, ou do emprego, depende de escolaridade e experiência. Portanto, o mercado exige que nos qualifiquemos e que estejamos abertos à novas experiências.

O processo de escolha da profissão

Escolher uma profissão está se tornando cada vez mais difícil, e o processo de escolha profissional deve ter começo, meio, fim e produzir mudanças e vivências interiores. É uma decisão que vai além do simples "gostar" de fazer algo.

Este processo de escolha acontece simultaneamente com outras transformações de ordem física e emocional, que na maioria das vezes podem vir acrescidas de crises e conflitos. Em meio a tudo isso, os adolescentes são surpreendidos por várias indagações, e uma delas é referente à escolha profissional. Desse modo podemos afirmar que a identidade ocupacional é formada em paralelo com a identidade pessoal.

Segundo Paulo Cogo, psicólogo e mestre em Sociologia, a família tem um peso importante nessa decisão. Pode influenciar negativamente, quando pressiona o adolescente por uma decisão e positivamente quando colabora com o processo de autoconhecimento do jovem.

Estar indeciso não é sinônimo de estar em "crise". Estar indeciso é estar passando por um processo de reflexão e amadurecimento, é estar planejando o seu projeto de vida. Num primeiro momento, o foco não deve ficar apenas no nome do curso a ser escolhido, mas sim nas expectativas que o jovem tem para a sua vida. Cabe à escola, apresentar vários caminhos e possibilidades para que os jovens possam decidir de maneira positiva e livre.

Marlene Strey (Psicóloga - PUC/RS) alerta para o seguinte: "um problema sério, e que às vezes não entra em cogitação, é aquilo que está escondido dentro de nós e do que quase nunca nos damos conta. O que eu estou buscando com a minha profissão, além das coisas aparentemente óbvias como o sustento, por exemplo?"

"Enquanto pais, queremos que nossa filha tenha condições necessárias para fazer uma escolha madura e tranquila levando em consideração o auto-conhecimento, seus valores e a percepção da realidade. E que a escolha lhe traga realização e felicidade".

Flavia Teresinha Schuh, Psicóloga, mãe de aluna do CMA

Escolher uma carreira envolve presente, passado e futuro. Não adianta ter pressa; ao contrário: quanto mais correr, tanto menos o sujeito encontrará. Porque, na verdade, busca-se a própria identidade.

Quem consegue ir mais ao fundo de si mesmo, consegue ser mais consciente de sua escolha e assim tornar-se um profissional do conhecimento e não apenas um profissional informado.

O desafio do vestibular

O vestibular é uma oportunidade preciosa para conhecer melhor os seus valores e a sua personalidade, o vestibular é uma dimensão mágica no tempo do estudante: tempo de novos contatos, de novas ideias e da revelação de um mundo cujas dimensões reais permaneciam, muitas vezes, escondidas ao "abrigo da família".

Para obter sucesso no vestibular, queira realmente ser aprovado e conquistar uma vaga na universidade.

Estudar não é colecionar livros na estante, nem passar o dia inteiro trancado no quarto lendo anotações. Estudar é fazer relações entre os conteúdos.

Estudar é a chave para o sucesso, o problema é que não existe uma fórmula mágica que garanta isso. Seja qual for a sua modalidade de estudo, é necessário pensar em rede, ligar conteúdos para atingir um objetivo. Faz-se necessário também uma postura ativa e crítica frente ao estudo.

Conselhos úteis para passar no vestibular:

Leia livros, jornais e revistas.

Escolha cedo o curso que pretende fazer.

Aprenda desde cedo uma língua estrangeira.

Conheça a universidade onde você pretende estudar.

Garanta boas notas no Ensino Médio.

Estude diariamente.

Viagens, leituras, cinema, teatro ajudam a ampliar a visão de mundo e desenvolve a articulação de ideias.

“É chegada a hora da escolha. Ela irá decidir onde irá colocar a sua energia, o amor, a sua dedicação. O que sempre pensamos para ela é que seja feliz com sua escolha. O quê? No momento certo ela saberá. E nós, pais, estaremos aqui”...

Maria Isabel Morgan Martins, Bióloga, mãe de aluna do CMA

O que atrapalha:

Deixar para estudar na última hora.

Limitar-se a decorar datas, fórmulas e fatos. Tente saber o como e o por quê.

Exagerar, fazendo muitos vestibulares, você pode perder o foco.

Abandonar atividades que lhe dão prazer e evitam o estresse.

Mergulhar desesperadamente nos estudos e mudar drasticamente sua vida por causa do vestibular.

Outra preocupação também é com o estado emocional do vestibulando. Percebe-se uma grande interferência de aspectos emocionais na realização do vestibular que influenciam também na escolha profissional dos jovens.

Para os pais, a experiência do vestibular indica que os filhos estão passando por um obstáculo concreto. Não podem negar ou minimizar, fugir ou engrandecer este processo que é pessoal e intransferível.

A família e a escolha da profissão

A participação dos pais é fundamental no processo de escolha da profissão. Expressar as suas expectativas, ouvir os filhos, apoiar os momentos de insegurança e incertezas fazem parte do papel da família neste momento.

Segundo o Psiquiatra Roberto Shinyashiki, o que mais conta para que um jovem tenha sucesso são qualidades que ele adquire em casa, com a família. Os pais podem desenvolver nos filhos características que podem fazer a diferença no futuro dos filhos: ousadia, responsabilidade, humildade e disposição para ajudar os outros.

A influência dos pais é inevitável no processo de escolha da profissão. Quando esta influência é percebida, significa que o filho se identifica com pai ou mãe, e isso é natural e positivo. O que deve ser evitado é a sensação de que, se o filho não seguir a profissão do pai ou da mãe, ele irá decepcioná-los.

ATIVIDADES ESCOLARES - Compromisso com a formação humana!

em aula

NOTRE DAME

A cultura brasileira incorporou tradições: comidas, vestimentas e outros aspectos de diferentes culturas trazidas pelos imigrantes.

Nesse sentido, a professora Renata Machado propôs aos alunos da oitava série uma pesquisa sobre a influência das múltiplas culturas européias na cultura brasileira, dentro das disciplinas de Geografia e História. E os alunos surpreenderam!

A turma foi dividida em quatro grupos e as culturas escolhidas foram: italiana, espanhola, alemã e portuguesa. Dentro do tema estudado, os alunos pesquisaram fotos, objetos, textos, músicas, danças, roupas, alimentos e receitas que se relacionavam com a cultura escolhida. A apresentação foi de grande contribuição para o aprendizado, pois além de confeccionarem cartazes e slides, selecionaram algumas músicas, e vestiram roupas típicas para que os colegas pudessem observar e entrar no clima das culturas.

O objetivo do trabalho foi o de identificar quais os aspectos culturais europeus que contribuíram para a formação da identidade do povo brasileiro propiciando aos alunos o resgate cultural e a melhor compreensão do país em que vivem.

Formação da Identidade



por Juliana da Rosa / Secretária
Nossa Senhora Estrela do Mar

Cidadania nos pequenos gestos



por Sueli Matos / Professora
Colégio Maria Auxiliadora

O cidadão é um indivíduo que convive em sociedade, respeita o próximo, cumpre com suas obrigações e goza de seus direitos. Mais do que um conceito ou se limitar a um simples discurso, a Tarefa da Solidariedade, uma das atividades da XXII GINCEMA – Gincana Cultural e Esportiva do Colégio Maria Auxiliadora, tem por objetivo fazer com que os alunos exercitem ativamente sua cidadania em comunidades carentes.

Neste contexto, os gincaneiros foram convocados para o trabalho comunitário e voluntário, previamente elaborado na forma de projetos (entrevistas, parcerias, necessidades da comunidade) e executado nas instituições parceiras, com duração mínima de duas horas, durante a semana de 18 a 22 de maio – período que o Colégio promoveu atividades alusivas aos seus 69 anos.

Dentre as tarefas realizadas, os grupos realizaram atividades de recreação com a comunidade envolvida e entregaram kits escolares e de higiene nos grupos atendidos. As instituições acolhidas foram Associação Chimarrão da Amizade (Mathias Velho), Associação de Moradores do Norte do Dique (Mato Grande), Ação Social São Paulo Apóstolo (Niterói), Associação Assistencial e Beneficente Niterói (ASSABENI – Niterói)

No sábado, dia 25 de maio, o CMA recebeu, através do esforço e dedicação de todas as equipes envolvidas na Gincana, a doação de mais de sete toneladas de alimentos não perecíveis e 384 itens de produtos de higiene e limpeza que foram distribuídos às Instituições.

As histórias estão presentes em nossa cultura há muito tempo e o hábito de contá-las e ouvi-las tem inúmeros significados. Está relacionado ao cuidado afetivo, à construção da identidade, ao desenvolvimento da imaginação, à capacidade de ouvir o outro e de se expressar. Além disso, a leitura de histórias aproxima a criança do universo letrado e colabora para a democratização de um de nossos mais valiosos patrimônios culturais: a escrita.

Por isso, é importante favorecermos a familiaridade das crianças com as histórias e a ampliação de seu repertório. Isso só é possível por meio do contato regular dos pequenos com os textos, desde cedo e de sua participação frequente em situações diversas de conto e leitura. Sabe-se que os professores são os principais agentes na promoção dessa prática – e a escola, o principal espaço para isso.

O Projeto “Viajando na Sacola Mágica da Leitura” visa fazer com que o aluno tenha prazer em ler e consiga transmitir ao outro o que leu. Assim o livro deve ser mostrado e aberto com dimensão do prazer e da alegria, para que o aluno perceba que LER É UMA VIAGEM MARAVILHOSA E NÃO APENAS MAIS UMA DAS ATIVIDADES DA ESCOLA.

Este projeto começou a ser desenvolvido dia 22 de maio, com os alunos da Educação Infantil e a professora Maria Helena de Souza Barbosa, coordenadora. Ela conta que a partir de uma sacola com diferentes livros de histórias, um caderno de registros e um casal de bonecos: Senhora “Alfabeta” e Senhor “Numeral”, se dará a Viagem da leitura.

Os alunos serão sorteados e levarão para casa a sacola com os livros, o caderno de registros e o casal de bonecos por uma semana. Os pais poderão ler para seus filhos um ou mais livros da sacola para que a criança, posteriormente, possa fazer um registro no caderno sobre seu entendimento e interpretação do que ouviu o que poderá ser através de desenhos, colagem, montagem ou de alguma outra forma criativa que ele preferir.

Em sala de aula, o aluno poderá apresentar para os colegas o livro que seus pais leram para ele, e o seu registro. Também poderá ser apresentado na forma teatral.



Sacola Mágica da Leitura



por Catia Gowert / Diretora
Sagrado Coração de Jesus



Atletas em destaque

Na semana alusiva a semana do município de São Sepé, muitas atividades foram realizadas para a comemoração do seu aniversário. Nos dias 22 e 23 de abril, realizou-se no campo do Pamade o Festival de Atletismo. Esta atividade contou com a presença de 253 alunos com idade de 10 a 15 anos. Os mesmos concorreram conforme a sua idade, categorias mirim, infantil, juvenil e especial. O evento foi organizado pela SMEC e com a colaboração da Coordenadoria de Esportes do Município.

A equipe da SMEC salienta “O esporte escolar é uma excelente ferramenta para desenvolver a cidadania, o respeito e o direito de praticar atividades físicas para uma melhor qualidade de vida”.

Os alunos vencedores que representaram o MAJU foram: - Corrida 50m/rasos- Categoria Mirim Feminino 1º lugar- Roberta Flores Santos; Corrida 75 m/rasos - Categoria Infantil Masculino 3º lugar - João Vitor Wegner; Salto em Distância - Categoria Infantil Masculino 3º lugar- João Vitor Gonçalves Wegner; Salto em Distância – Categoria Infantil Feminino 3º lugar- Carollyna Brum.



por Irmã Dalva Garlet / Diretora
Colégio Madre Júlia

O voluntariado gaúcho foi a estrela principal no palco do Teatro do Bourbon Country, em Porto Alegre, na noite de segunda-feira, dia 20 de maio. A 7ª edição do Prêmio Parceiros Voluntários consagrou nove iniciativas sociais que ajudaram a desenvolver a cultura do voluntariado.

Entre as nove iniciativas premiadas está o projeto "A arte de reciclar e transformar" da Escola de Ensino Fundamental Sagrada Família, de Rolante.

A diretora Norma Maria Specht, a professora Fabiana da Cunha e um grupo de alunos representando a Escola receberam o prêmio máximo do voluntariado gaúcho, o "PARCEIROS VOLUNTÁRIOS". A cerimônia, cercada de emoção e estrutura, contou com a presença de várias celebridades como o tenista Fernando Meligeni. Atores interpretaram as histórias das nove ações e os músicos Hique Gomes e Neto Fagundes realizaram intervenções durante toda a noite.

Os homenageados receberam o Troféu Parceiros Voluntários: uma escultura do artista plástico Cláudio Caldas Silveira.

O projeto da Escola Sagrada Família foi selecionado entre 150 iniciativas inscritas pelas ONGs de todo o Rio Grande do Sul. A Arte de Reciclar e Transformar iniciou com as turmas de 2ª e 4ª séries e hoje envolve todos os alunos da escola. As ações são diversificadas: releituras de obras de artes famosas usando resíduos; exposição fotográfica mostrando o acúmulo de lixo em locais públicos do município; plantio de mudas e cultivo da Horta Escolar; produção de brinquedos utilizando materiais recicláveis sendo que muitos foram repassados para a Pastoral da Criança.

Nesses quatro anos, mais de 500 crianças participaram do projeto, que foi ampliado para outras Escolas, uma de Rolante e outra de Riozinho, tendo os alunos do Sagrada Família como disseminadores do conhecimento. Além de desenvolver o voluntariado, o projeto visa incutir a noção de sustentabilidade e responsabilidade ambiental em quem vai ter de encarar daqui a alguns anos, as consequências daquilo que plantamos hoje.

O principal resultado do projeto é a conscientização e o voluntariado desde os primeiros anos de vida. A diversificação das atividades aumentou a motivação para a aprendizagem e a escola tornou-se ainda mais atraente. Depoimentos dos pais relatam que os alunos estão aplicando as iniciativas em casa, como o reaproveitamento e separação do lixo.



por Arlete Rosane da Rosa
Coordenadora Pedagógica
Escola Sagrada Família

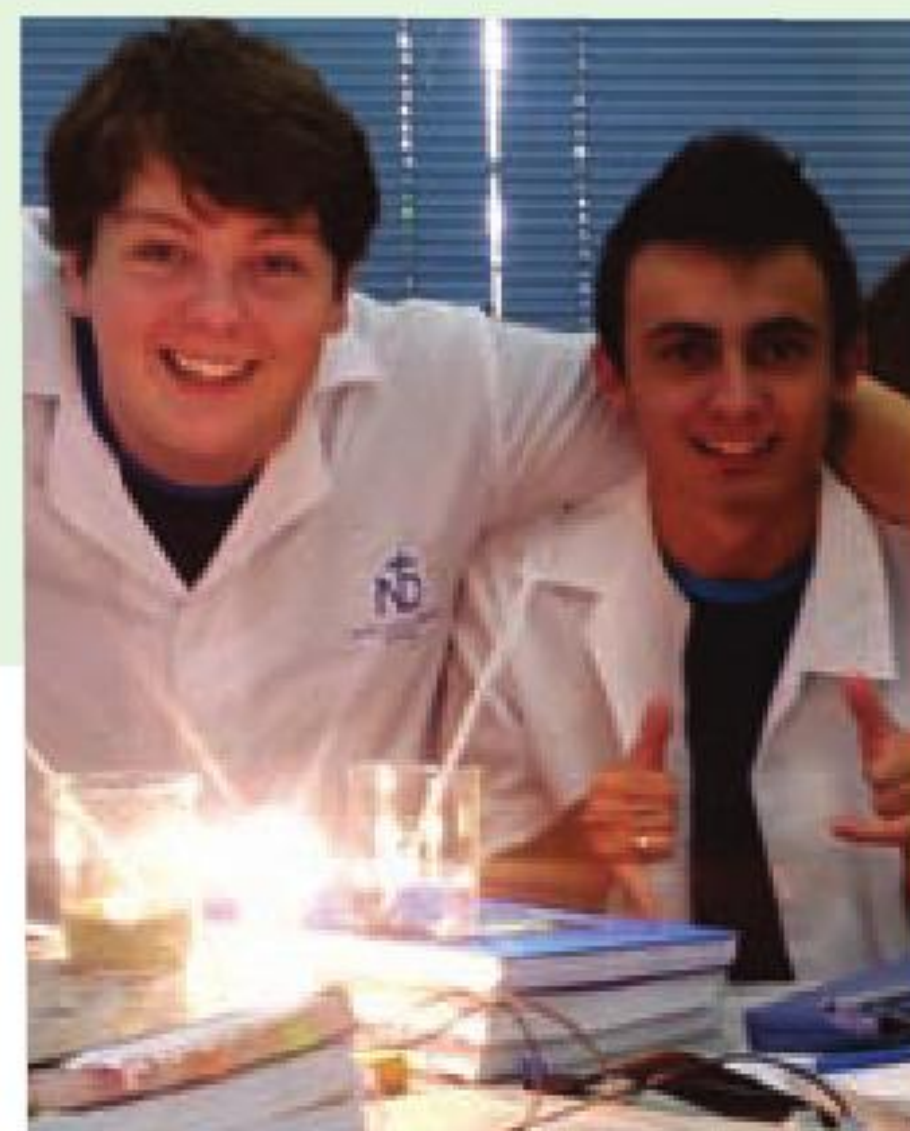


por Irmã Laura Damian / Diretora
Colégio Santa Teresinha

Os alunos da turma 221 do Santa já sabem que o título acima possui um erro conceitual de Física. Isso é possível afirmar porque os mesmos, juntamente com o Prof. Zenar Pedro Schein, estão trabalhando no laboratório com experimentos e discussões sobre situações do cotidiano que se referem ao calor.

Por que é utilizada a água no radiador do carro? Por que na beira da praia, ao meio-dia, a areia seca é muito mais quente que a água do mar? Por que qualquer alimento com muita água necessita de mais tempo para aquecer em relação a um alimento com pouca água?

A metodologia pautada em situações desafiadoras pode ser o facilitador da aprendizagem do aluno e também o segredo para a motivação do mesmo na constante busca do novo conhecimento.



A turma da 4ª série da Escola Santa Catarina está em pleno desenvolvimento de um belo projeto de Educação Ambiental, inserindo desde a infância conceitos sobre preservação e conservação do meio ambiente.

A professora, para motivar as crianças, fundou o "Clube Amigos do Meio Ambiente", no qual há um crachá para identificação dos membros. Os alunos são responsáveis por realizar ações ambientais no ambiente escolar, proporcionando um rico e significativo aprendizado.

Dentre as ações que já foram realizadas, destacamos a criação da horta sustentável, totalmente composta de materiais recicláveis, basicamente garrafas pet. O objetivo é vivenciar os motivos pelos quais é importante reciclar, reconhecer os impactos ambientais que a poluição causa no meio ambiente, bem como formular alternativas para lidarmos com o lixo que produzimos diariamente.

Os alunos empenham-se em cuidar da horta, pois estão em contato com a terra, sementes, mudas de flores, hortaliças e temperos, visualizando o processo que vai do plantio à colheita, além dos contratempos, como o predador que atacou a plantação de repolhos. O interessante foi que quando as mudas plantadas "sumiram" dos canteiros, as crianças relacionaram o fato aos nossos estudos sobre cadeia alimentar. Outro fato é que cada garrafa pet usada em casa, é trazida para a escola para ser utilizada na ampliação dos canteiros da horta e também em outras maneiras de reciclagem, como o artesanato.

Projetos como esse são de fundamental importância, pois as crianças estão em plena formação de conceitos, assim desenvolvendo o senso de responsabilidade em suas ações. Dessa forma as gerações do futuro terão maior consciência de seus atos perante o planeta Terra, que afinal é a nossa casa e precisamos todos cuidar dela, para que se tenha harmonia entre ser humano e natureza. Uma relação de interdependência, onde um precisa do outro para sobreviver.

Os alunos da Escola Maria Rainha, juntamente com a Professora Maria Medianeira Ribeiro, realizaram uma atividade prática dentro do projeto "Alimentação Saudável".

Os estudantes trouxeram variados tipos de saladas (vegetais) e degustaram cada um deles, com o objetivo de incentivar os bons hábitos alimentares, aprender a escolher alimentos nutritivos e de boa qualidade, reconhecer os vários tipos de vegetais e suas partes.

A Escola é um lugar privilegiado para a promoção da saúde e desempenha um papel fundamental na formação de valores, hábitos e atitudes, entre eles, o da consciência da importância de se ter uma alimentação saudável.



por Aline Brutti Aita / Professora
Escola Santa Catarina



por Irmã Elaine J. de Paulo / Diretora
Escola Maria Rainha

Construindo
um Futuro
de Valores
e Conhecimento

90 anos da Congregação Notre Dame no Brasil

Em 07 de junho de 2013 a Congregação Notre Dame completou 90 anos em terras brasileiras. Nesse dia especial as Províncias de Canoas e Passo Fundo divulgaram um encarte de 16 páginas contando a história das Irmãs de Nossa Senhora e o dedicado trabalho realizado no decorrer dos anos. Em uma linha do tempo é possível acompanhar os principais momentos de uma interminável conquista pela educação e pelo bem social.

Educar, evangelizar, fazer o bem, ultrapassar as barreiras físicas, inundar de Amor Providente de Deus em um mundo sem fronteiras.

Quando, em 1804, na cidade de Amiens - França, iniciava a Congregação das Irmãs de Notre Dame, as dimensões de até onde chegaria seu carisma, eram ainda desconhecidas, de lá para cá, o mundo passou a viver também esse carisma. Hoje, a missão Notre Dame estende-se a 19 países, em cinco continentes. Ao todo são 2.200 irmãs trabalhando no grande messe, para Proclamar o Amor de Deus sem fronteiras.



Mais uma Irmã de Nossa Senhora - Maria Sharon

O dia 28 de abril foi muito especial para a comunidade e para a família da Noviça Irmã Maria Sharon. Na Missa da Igreja Matriz do ensolarado domingo, a primeira Noviça Peruana Sharon Eliana Hoyos foi apresentada a comunidade em Salaverry. Durante o ano anterior era conhecida pela comunidade como a Postulante Notre Dame. Após o ingresso no Noviciado realizado no Brasil, retornando a Salaverry, Peru, agora Irmã Maria Sharon é apresentada a comunidade paroquial da qual faz parte. Sua família que reside em La Esperanza, Trujillo, também esteve presente. A Missa iniciou com uma entrada solene de Irmã Maria Sharon e sua família e com a comunidade das Irmãs. No ofertório, a família junto com a filha, levou as ofertas, da qual fez parte um lindo arranjo de flores confeccionado a escolha de Irmã Maria Sharon e presenteado por ela, especialmente para este dia, tendo como destaque a flor do girassol, símbolo da Congregação ND. Após a Missa a família passou o dia celebrando com alegria o mistério da Vocação Religiosa Consagrada.



Residência Santa Júlia ganha novos espaços

No dia 13 de maio a Residência Santa Júlia completou seu 9º aniversário de fundação. São nove anos de trabalho dedicado à qualidade de vida de senhoras idosas a partir de 60 anos. A Associação Notre Dame está investindo na ampliação da casa com modernas instalações e pleno conforto. Atendendo os apelos da sociedade e a tendência do aumento de pessoas na terceira idade está qualificando o atendimento com quartos individuais e coletivos (28 leitos), uma ampla sala de estar, sala de fisioterapia, refeitório e outros espaços e serviços necessários à atividade.

Trabalha-se por um espaço onde as idosas são valorizadas e tratadas com carinho e dedicação pelas irmãs e pela equipe de profissionais.

O lugar é privilegiado, cercado por uma grande área verde, com flores e muita tranquilidade. Sempre prima por servir com qualidade, integrando a Residência com os familiares.

Propicia um ambiente acolhedor e o bem estar das residentes com atividades lúdicas, trabalhos manuais, momentos festivos, celebrações, passeios ao ar livre, e integração com os alunos do Colégio Maria Auxiliadora.



Irmãs visitam local do 3º milagre de Júlia Billiard

Pentecostes irrompeu significativamente sobre o grupo de Irmãs das províncias brasileiras, que se encontravam em Campos Novos, Santa Catarina para peregrinação ao local do 3º milagre, que levou Júlia Billiard aos altares. Na manhã do dia 19 de maio, festa de Pentecostes, no Santuário de Nossa Senhora Aparecida, grande número de Irmãs de Nossa Senhora, das províncias de Canoas e Passo Fundo, reuniu-se em evento alusivo aos 90 anos de presença Notre Dame no Brasil. A comunidade das Irmãs que aí atuam na coordenação da catequese paroquial e pastoral da visitação, acolheu as peregrinas e as conduziu nas atividades do dia. Pelas 09h participaram da missa festiva de Pentecostes, no Santuário, e receberam a homenagem da comunidade, em reconhecimento pelo milagre e pela presença das Irmãs. Em seguida, dirigiram-se ao local do 3º milagre. O quarto onde o Sr. Otacílio Ribeiro estava internado e recebeu o milagre da cura, é hoje a capela Santa Júlia, do Hospital Dr. José Atanásio. Espaço pequeno para o grande número de Irmãs que peregrinou para ver, sentir e tocar o lugar que testemunhou o milagre, que levou a Igreja a atestar a santidade de Júlia Billiard. Houve uma bonita celebração com depoimentos emocionados de Irmãs que viveram ou acompanharam o fato mais de perto. Irmã Renete Maria, superiora provincial de Canoas, assim se expressou: "Estamos reunidas neste lugar como uma única província, abençoada por Santa Júlia. Este milagre, ocorrido no Brasil no ano de 1950, quando comemorávamos os 100 anos da fundação da Congregação, é prova de que somos filhas de Santa Júlia". A Província da Santa Cruz, Passo Fundo, doou, para a capela, uma imagem de Santa Júlia em tamanho maior.



Irmãs Notre Dame na Jornada Mundial da Juventude

A Jornada Mundial da Juventude é um evento internacional que deu início com o Papa João Paulo II em 1984.

A Jornada Mundial da Juventude (JMJ), como foi denominada a partir de 1985, continua a mostrar ao mundo o testemunho de uma fé viva, transformadora e a mostrar o rosto de Cristo em cada jovem.

O evento, que se realiza anualmente nas dioceses de todo o mundo, prevê a cada 2 ou 3 anos um encontro internacional dos jovens com o Papa, que dura aproximadamente uma semana. A última edição internacional da JMJ foi realizada em agosto de 2011, na cidade de Madri, na Espanha, e reuniu mais de 190 países.

Além do fato de estar em outro país, com seus encantos turísticos, a participação na Jornada requer um corpo preparado para a peregrinação e um coração aberto para as maravilhas que Deus tem reservado para cada um. São catequeses, testemunhos, partilhas, exemplos de amor ao próximo e à Igreja, festivais de música e atividades culturais. Enfim, um encontro de corações que creem, movidos pela mesma esperança de que a fraternidade na diversidade é possível.

Os jovens são os protagonistas desse grande encontro de fé, esperança e unidade.

Na semana que antecede a JMJ, acontece a Semana Missionária, onde os peregrinos participam de atividades nas diversas dioceses do Brasil. A Semana Missionária está organizada em três eixos principais: fé, ação evangelizadora e cultura. Essa semana tem como objetivos acolher o peregrino estrangeiro no país para que faça uma experiência com a Igreja no Brasil e o desejo de preparar as dioceses brasileiras para a JMJ, mobilizando todo o país a entrar no tema proposto para a Jornada: Missão.

A XXVIII Jornada Mundial da Juventude será realizada de 23 a 28 de julho de 2013 na cidade do Rio de Janeiro e tem como lema "Ide e fazei discípulos entre todas as nações". (Mt 28, 19)

Na Província Nossa Senhora Aparecida, 8 irmãs farão essa experiência de viver a fé e testemunhar seu amor por Jesus Cristo em meio a juventude.





**Irmãs de Notre Dame:
Proclamando a bondade
de Deus e Seu amor providente
em terras Brasileiras**